



**UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARÁ
CAMPUS DE CASTANHAL
FACULDADE DE PEDAGOGIA
PARFOR – PEDAGOGIA 08**

LUCIANA MARIA PINHEIRO JAQUES

**PARTICIPAÇÃO, CO-PARTICIPAÇÃO E NÃO-PARTICIPAÇÃO:
Reflexões sobre o equilíbrio na relação Família e Escola**

Castanhal – PA
2018

LUCIANA MARIA PINHEIRO JAQUES

PARTICIPAÇÃO, CO-PARTICIPAÇÃO E NÃO-PARTICIPAÇÃO:
Reflexões sobre o equilíbrio na relação Família e Escola

Trabalho de conclusão de Curso apresentado à Universidade Federal do Pará - UFPA, como requisito final para a obtenção do Grau de Licenciado Pleno em Pedagogia, pelo PARFOR, sob a orientação da Prof^a. Dra Ivana de Oliveira Gomes e Silva.

Castanhal – PA
2018

LUCIANA MARIA PINHEIRO JAQUES

PARTICIPAÇÃO, CO-PARTICIPAÇÃO E NÃO-PARTICIPAÇÃO:
Reflexões sobre o equilíbrio na relação Família e Escola

Trabalho de conclusão de Curso apresentado à universidade Federal do Pará - UFPA, como requisito final para a obtenção do Grau de Licenciado Pleno em Pedagogia, pelo PARFOR, sob a orientação da Prof^a. Dra Ivana de Oliveira Gomes e Silva.

Banca Examinadora:

Prof^o. Orientadora: Prof^a Dra Ivana de Oliveira Gomes e Silva

1^o Membro da Banca: Prof. Dr. Paulo Lucas da Silva

2^o Membro da Banca: Prof. Dr Francisco Valdinei dos Santos Anjos

DEDICATÓRIA

Dedico este trabalho primeiramente a Deus, por ser essencial em minha vida, autor de meu destino, meu guia, socorro presente na hora das alegrias e das angústias.

Ao meu pai João Francisco Jaques, homem firme, que sabe dar-nos ensinamentos de família, de ser correto e ter valores de respeito a vida, e aos seres humanos.

A minha mãe Maria Salete Pinheiro Jaques (em memória) que muito almejava por este momento de minha formação. Soube por muitas vezes, me mostrar como deve ser a qualidade e o caráter de um ser humano. Quais lutas devemos travar para superar os obstáculos que a cada dia a vida nos coloca, quem devemos combater. Você foi um exemplo de mulher, de vida exemplar, instigante e altaneira, mãe. Você foi uma pessoa humana, humilde e dedicada aos mais elevados propósitos. Seu empenho aos cuidados de quem mais precisava era uma fonte perene de estímulo. Agradeço muito, à espiritualidade maior deixada em mim durante o tempo concedido por Deus em minha convivência com você.

E particularmente, a toda minha família que, com muito carinho e apoio, não mediram esforços para que eu chegasse a conclusão de mais uma etapa de minha vida.

AGRADECIMENTOS

Agradeço especialmente a DEUS por ter guiado os meus passos durante toda esta jornada acadêmica de minha formação em Pedagogia. Obrigada SENHOR!

Aos meus pais, irmãos, sobrinhos pelo carinho, pela compreensão, por ter acreditado em mim.

A nossa orientadora Prof^a Dra Ivana de Oliveira Gomes e Silva, pela ajuda com seus conhecimentos para nosso crescimento acadêmico, pela paciência, compreensão e dedicação para conosco na construção deste trabalho. Meus sinceros agradecimentos por todas as lições desenvolvidas para meu crescimento, pela pessoa maravilhosa que é, ensinando, o quão importante é a dedicação em tudo que fazemos em nossa constante e importante busca ao conhecimento.

Aos demais professores que de forma direta ou indiretamente, contribuíram com seus conhecimentos significativos no aguçamento do desenvolvimento de meu potencial no sentido de alcançar o limiar do conhecimento necessário para a conclusão e êxito de meus estudos.

A UFPA quero expressar um muito obrigada a instituição que nos abrigou nesses anos de formação, e nos concede um título nessa formação acadêmica no curso de Pedagogia pelo PARFOR, muito significativa para minha prática pedagógica.

As minhas amigas Maria Luiza e Ivonete, por existirem em minha vida, por confiarem e acreditarem em minhas ideias, quando muitos duvidaram. Vocês me conduziram quando eu estava cega por razão de muitos desafios, conflitos de ideias que a vida e o viver insistem em nos fornecer para nos testar na arte de nos habitarmos.

Enfim, sou grata a todos que contribuíram de forma direta ou indireta para realização deste, pelo apoio, pela força, pelo espírito de alegria, de abraços de paz e enorme carinho na hora da incerteza, principalmente pelo incentivo. Obrigada.

RESUMO

Este trabalho tem como tema “Participação, Co-participação e Não Participação: Reflexões sobre o equilíbrio na relação Família e Escola”, e se justifica, uma vez que escola e família podem ter afinidades para ajudar no processo ensino e aprendizagem do aluno, e ainda se quer compreender, segundo o discurso de responsáveis pelos alunos do 5º Ano do Ensino Fundamental de uma escola pública de Santa Maria do Pará, os motivos da não participação nas atividades promovidas pela escola. Trabalha-se com o objetivo geral: compreender, na articulação de análises de pesquisadores do tema família e escola e segundo o discurso de responsáveis pelos alunos de uma escola pública de Santa Maria do Pará, os motivos da não participação destes nas atividades promovidas pela escola. Como objetivos específicos pretendemos: Avaliar se os motivos apontados pelos pais dos alunos para sua ausência das reuniões escolares, são previstos ou analisados na literatura específica que aborda essa temática; Verificar como acontece a participação da família na escola na visão dos responsáveis; Analisar criticamente as respostas com base nos dados coletados. A metodologia é baseada em pesquisa bibliográfica e empírica, onde se utilizou um roteiro de entrevista, aplicado ao público-alvo que foram 10 (dez) pais (mãe e pai) de alunos. O estudo caracteriza-se pela abordagem qualitativa. Os dados foram coletados a partir da técnica de entrevista semi-estruturada, que direcionou perguntas abertas e fechadas. A análise e interpretação de dados se deram a partir da transcrição das respostas dadas nas entrevistas. Os autores do estudo são: Ariès (2005), Dessen (2007), Junges (2016), Nogueira (1998/2005/2008/2011), Nóvoa (1995/2007), Polonia (2005), Zago (2000/2007) e outros. Conclui-se que, a escola deve estar atenta à família de cada educando, porque tanto a família deve participar do processo ensino-aprendizagem, quanto a escola precisa estar interligada não só com a família, mas com a comunidade na qual se insere, buscando seus saberes, valores, interesses culturais, sociais, políticos e econômicos.

Palavras-Chave: Participação, Co-participação, Não-Participação, Relação Família e Escola, Processo Ensino e Aprendizagem.

ABSTRACT

This paper has as its theme "Participation, Co-Participation and Non-Participation: Reflections on Balance in Family and School Relations", and it is justified, since school and family can have affinities to help in the student's teaching and learning process, and wants to understand the reasons for not participating in the activities promoted by the school, according to the discourse of those responsible for the 5th Year of Elementary School in a public school in Santa Maria do Pará. The general objective is to understand the reasons for their non-participation in the activities promoted by the school in the articulation of the analyzes of researchers of the family and school subject and according to the discourse of those responsible for the students of a public school in Santa Maria do Pará. . As specific objectives we intend to: Evaluate if the reasons pointed out by the parents of the students for their absence from the school meetings are predicted or analyzed in the specific literature that addresses this theme; Check how the participation of the family in the school happens in the view of those in charge; Critically analyze the responses based on the data collected. The methodology is based on bibliographical, empirical and field research, which used an interview script, applied to the target audience that were 10 (ten) parents (mother and father) of students. And the study is characterized by the qualitative approach. Data were collected using the semi-structured interview technique, which addressed open and closed questions. The analysis and interpretation of data were based on the transcription of the answers given in the interviews. The authors of the study are Ariès (2005), Dessen (2007), Junges (2016), Nogueira (1998-2005/2008/2011), Nóvoa (1995/2007), Poland (2005), Zago and others. It is concluded that the school must be attentive to the family of each student because as much as the family must participate in the process of teaching learning, the school must also be linked not only with the family but with the community seeking their knowledge, values, interests cultural, social, political and economic.

Key words: Participation, Co-participation, Non-participation Family and School Relations, Process Teaching and Learning.

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

BIRD - Banco Interamericano de Desenvolvimento

BM - Banco Mundial

EEEFM – Escola Municipal de Ensino Fundamental e Médio

EUA - Estados Unidos da América

LGBT'S - Lésbicas, Gays, Bissexuais, Travestis

MEC - Ministério da Educação e Cultura

PA - Pará

PARFOR - Plano Nacional de Formação de Professores da Educação Básica

PPP - Projeto Político Pedagógico

UFPA – Universidade Federal do Pará

LISTA DE IMAGENS

IMAGEM 01 – Vista Frontal do Prédio

IMAGEM 02 – Vista lateral do Prédio

IMAGEM 03 – Saída para área dos fundos da escola

IMAGEM 04 – Refeitório

IMAGEM 05 – Biblioteca

IMAGEM 06 – Sala de aula

IMAGEM 07 – Momento de levantamento de dados na escola

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO	10
2. CAPÍTULO I.....	13
2.1. CONTEXTUALIZAÇÃO HISTÓRICA: SOCIEDADE, FAMÍLIA E SOCIEDADE	13
2.2. A ESCOLA MODERNA: INSTRUÇÃO, DISCIPLINA E VALORIZAÇÃO DO TEMPO INFANTIL.....	22
3. CAPÍTULO II.....	26
3.1. A IMPORTÂNCIA DA RELAÇÃO ESCOLA E FAMÍLIA	26
4. CAPÍTULO III	32
4.1. METODOLOGIA DA PESQUISA.....	32
4.2. TIPO DE PESQUISA.....	32
5. CAPÍTULO IV.....	36
5.1. ANÁLISE, DISCUSSÃO E RESULTADO DOS ESTUDOS.....	36
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	50
REFERÊNCIAS.....	53
APÊNDICES	

1. INTRODUÇÃO

Esta pesquisa tem como título “Participação, Co-participação e Não-Participação: Reflexões sobre o equilíbrio na relação Família e Escola”, por entendermos que ele está relacionado com nossa busca constante como educadora, uma vez que a afinidade entre escola e família ajuda consideravelmente no processo ensino e aprendizagem do aluno.

O motivo da escolha da referida temática se dá, pois, por força do ofício, como educadora, convivemos com os pais de alunos cotidianamente, inquietamo-nos com a questão de que, quase sempre, a escola atribui aos pais a falha pela ausência na participação na escola, no acompanhamento dos filhos. Assim, aos poucos fui identificando-me, desejando e vendo a necessidade de aprofundamento das pesquisas desse assunto, por entender que é muito importante para proporcionar um aprendizado significativo, completo e dinâmico aos alunos. Este interesse também surgiu ao pensar em que ponto a família pode contribuir para o sucesso dos mesmos no contexto escolar.

Acreditamos, que a temática tem um significado bastante importante em resgatar a participação da família na escola, visto que, as duas instituições são responsáveis em formar cidadãos que devem contribuir significativamente no desenvolvimento das ações pedagógicas, através de discussão, promovendo encontros e outras ações positivas aos pais. Toda ação proposta será necessária para conhecer essas famílias e a comunidade em que a escola está inserida.

Além disso, foi durante nossa convivência e experiência tanto na docência como aluna no Plano Nacional de Formação de Professores - PARFOR, ao estudar o contexto escolar e perceber que os alunos precisam de um apoio mais frequente da família, para realizar o acompanhamento nas atividades escolares. E os pais precisam também serem compreendidos em sua realidade, para a escola não apenas cobrar a ausência deles no processo ensino-aprendizagem, sem dar uma orientação, apoio e direcionamento às questões na escola para os pais.

Diante dessa problemática é que nos propomos a apresentar alguns questionamentos: **Como a escola percebe a família dos estudantes? Existe diálogo entre as partes?**

Consideramos, então, que vários autores tratam o tema e que também apresentam aspectos fundamentais relacionados à participação da família como instituição fundamental para o desenvolvimento sócio-cognitivo da criança.

Destacamos como objetivo geral, compreender, na articulação de análises de pesquisadores do tema família e escola e segundo o discurso de responsáveis pelos alunos de

uma escola pública de Santa Maria do Pará, os motivos da não participação destes nas atividades promovidas pela escola.

Como objetivos específicos pretendemos: Avaliar se os motivos apontados pelos pais dos alunos para sua ausência das reuniões escolares, são previstos ou analisados na literatura específica que aborda essa temática; Verificar como acontece a participação da família na escola na visão dos responsáveis; Analisar criticamente as respostas com base nos dados coletados.

Nessa perspectiva, justifica-se esta pesquisa, pois acreditamos que é importante família e escola caminharem juntas em busca de uma educação voltada para garantir o sucesso e a permanência do aluno na escola.

Assim, entendemos que escola e família precisam desse elo de ligação, e que a escola não pode se responsabilizar pela educação do aluno sozinho, mas que o apoio da família é essencial no desempenho do educando.

A pesquisa é caracterizada como bibliográfica e empírica. No que se refere aos aspectos metodológicos utilizou-se um roteiro de entrevista, aplicados ao público-alvo que foram 10 (dez) pais (mãe e pai) de alunos. O estudo caracteriza-se pela abordagem qualitativa.

Os dados foram coletados a partir da técnica de entrevista semi-estruturada, que direcionou perguntas abertas e fechadas. A análise e interpretação de dados se deram a partir da transcrição das respostas dadas nas entrevistas, onde os pais expressam o porquê de suas ausências na educação de seus filhos, assim como as formas de participação que acionam.

O levantamento das informações, a análise e a interpretação dos dados pesquisados foram tratados por meio da investigação qualitativa, descritiva. Lüdke e André (2004, p.12) destacam que na pesquisa qualitativa, o processo, as perspectivas observadas são mais importantes do que o produto, considerando os diferentes pontos de vista, o que permite o dinamismo interno das situações, geralmente inacessível ao observador externo.

A análise e interpretação dos dados se deram através da investigação qualitativa descritiva, onde:

[...] os dados são recolhidos em forma de palavras ou imagens e não números. Os resultados escritos da investigação contêm citações feitas com base nos dados para ilustrar e substanciar a apresentação. [...] tentam analisar os dados em toda a sua riqueza, respeitando, a forma em que estes foram registados ou transcritos (BOGDAN & BIKLEN, 2010, p. 48)

O levantamento bibliográfico consta de diferentes contextos de pesquisa, vão de Google Acadêmico a Plataformas Científicas. Foram utilizados textos de conferências, artigos,

capítulos de livros e revistas impressas e eletrônicas, de textos de autores estudados durante o curso de Pedagogia, assim como de autores indicados durante os encontros de orientação.

O estudo é importante no campo político, porque é antes de tudo uma ação da pedagogia e, dessa forma, está inserida em uma perspectiva de educação entendida como prática social, crítica e transformadora. Escola e família são instituições que compõem o conjunto de sociedade e envolvem os estudantes em suas diferentes atribuições. Para proporcionar aos sujeitos/estudantes as condições favoráveis para sua formação integral, a família e a escola precisam estar articuladas.

A organização do trabalho, está em capítulos onde no primeiro capítulo reflete-se sobre a “contextualização histórica: sociedade, família e sociedade”, abordando o subitem sobre “a escola moderna: instrução, disciplina e valorização do tempo infantil”.

O segundo capítulo, denominado “A importância da relação escola e família”.

No terceiro capítulo, trata-se da metodologia da pesquisa com os itens da mesma.

No quarto capítulo, descreve-se a análise, discussão e resultado dos estudos.

Nas considerações finais se apresentam as conclusões que o exercício de pesquisa proporciona.

2 CAPÍTULO I – TEÓRICO

2.1. CONTEXTUALIZAÇÃO HISTÓRICA: SOCIEDADE, FAMÍLIA E ESCOLA

O primeiro grupo social do qual a criança faz parte é a família, e é por intermédio desse contexto que ela desenvolve as primeiras experiências de socialização. Mas, para entendermos o contexto da instituição família, sua significação no percurso histórico, é preciso que analisemos, antes, os processos históricos e sua configuração, tendo em vista que a família vem desde a antiguidade até hoje, na contemporaneidade, passando por várias instabilidades, ou seja, ela é produto de um longo processo de mudanças socioculturais, econômicas e políticas de uma sociedade.

É importante dizer que a educação materializada na escola é resultado de uma construção histórica. E a pessoa ao depender desta educação, historicamente, desenvolve-a por meio da aprendizagem mútua, por isso não tem como dissociar-se do processo vivido em cada período histórico.

Para complementar este estudo, contextualiza-se a sociedade, a família e escola, a partir dos teóricos, Ana Almeida, Ceres Prado, Écio Antonio Portes, Geraldo Romanelli, Léa Pinheiro Paixão, Maria Alice Nogueira, Maria José Viana, Nadir Zago e outros.

Ao iniciar este contexto, se escreve sobre o posicionamento de cada autor acima citado para melhor compreensão do assunto. Léa Pinheiro Paixão (2006) nos explica que:

A problemática que envolve as relações família e escola está sempre presente no cotidiano da escola e vem ganhando igualmente bastante expressão na pesquisa educacional. Pode-se afirmar que ela se tornou um capítulo recorrente em livros que examinam as tendências atuais da produção no campo da Sociologia da Educação e vem se firmando como uma linha de pesquisa importante na pós-graduação. O mesmo assunto tem mobilizado tanto professores quanto autoridades responsáveis por políticas educacionais. A mídia vem insistindo na necessidade de ampliar a relação entre família-escola e uma das justificativas esta na constatação de um melhor desempenho escolar quando os pais acompanham o trabalho da escola (PAIXÃO, 2006, p.57)

A autora também se refere que nos últimos anos ganhou também maior visibilidade o interesse de órgãos responsáveis por políticas de educação voltadas para a aproximação entre escola e família, e isso faz parte de um movimento mais amplo pautado na ideologia que visa melhorar a rentabilidade escolar tendo os pais como parceiros. Nos Estados Unidos da América - EUA desde os anos 80 há uma política destinada a participação dos pais no trabalho da escola. O BM - Banco Mundial também vem apoiando projetos de educação nessa direção. No Brasil, o Banco Interamericano de Desenvolvimento (BIRD) e o Ministério da Educação e Cultura -

MEC financiam o Projeto Nordeste (de educação básica) que inclui a busca de participação dos pais e da comunidade (PAIXÃO, 2006, p.63).

Ainda Paixão (2006), ressalta que o apelo para ampliar a participação da família na escola ganha maior expressão na década de 1990 com campanhas governamentais divulgadas pela mídia em rede nacional. No governo de Fernando Henrique Cardoso - FHC, o Ministério da Educação e Cultura – MEC, instituiu o Dia Nacional da Família na Escola (24 de abril) com o objetivo de que “o engajamento dos pais seja o início de um grande movimento pela melhoria da qualidade na educação” (PAIXÃO, 2006, p.63).

Dessa forma colocado pela autora, estamos então diante de uma relação de crescente apelo social e controle regulado pelo Estado, em que as interferências têm antecedentes históricos, ou seja, são particularmente novas. Pode-se entender isso na obra: “Família e escola: trajetórias de escolarização em camadas médias e populares” em que os autores citados contribuem com capítulos que vão além dos estudos sobre meios populares e atingem outros grupos que compõem a população brasileira e, nesse sentido, ao destacarem o processo de escolarização desses grupos sociais, possibilitam compreender melhor as relações que as famílias de diferentes espaços sociais estabelecem com a escola.

Nadir Zago (2000) no capítulo sobre “Processos de escolarização nos meios populares”, nos explica sobre as relações dos meios populares com a escola, as práticas e os significados atribuídos à escolarização, assim como a heterogeneidade e irregularidade dos percursos escolares nesses meios. Analisa também a interrupção dos estudos e as contradições entre as políticas de democratização do ensino e a realidade da população socialmente desfavorecida.

Outra autora é Maria José Viana, que fala no capítulo “Longevidade escolar em famílias de camadas populares” e Écio Portes autor do texto “O trabalho escolar das famílias populares”, analisam, também, o processo de escolarização de jovens provenientes de famílias populares, e que ingressaram no ensino superior. Privilegiam em suas análises o estudante universitário. A primeira autora analisa os percursos escolares e as condições que possibilitaram o acesso e a permanência de indivíduos de meios sociais cuja probabilidade estatística de chegar à universidade é reduzida. Portes (2011) procura, por meio do estudo realizado, destacar práticas familiares que favoreceram o acesso e a permanência de jovens em universidades públicas e em cursos muito disputados. O autor demonstra que diversas formas de trabalho empreendidas pelas famílias foram fundamentais para que o estudante desses meios sociais pudessem contradizer as estatísticas e acessar a universidade.

Também nos reportamos a Viana e Portes (1998), que focam seus estudos nas famílias de camadas populares, os autores Ana Almeida, Geraldo Romanelli, Maria Alice Nogueira e

Ceres Prado (2008), se atêm às famílias de camadas médias. Estes desenvolveram os capítulos: “Ultrapassando o pai: Herança cultural restrita e competência escolar”, “Famílias de camadas médias e escolarização superior dos filhos: O estudante-trabalhador”, “A construção da excelência escolar: Um estudo de trajetórias, feito com estudantes universitários provenientes das camadas médias intelectualizadas”, e “Em busca do primeiro mundo: Intercâmbios culturais como estratégias educativas familiares”.

Esses autores analisam a ‘postura’ das famílias de camadas médias em relação à escolarização superior dos filhos destacando as estratégias utilizadas por essas famílias para incentivar o ingresso na universidade, a continuidade da escolarização e a realização das aspirações dos filhos.

Pode-se destacar que Ana Almeida (2008), discute as possibilidades da utilização da educação secundária como estratégia de inserção nas camadas intelectualizadas por famílias de grupos médios, portadores de escassa herança cultural.

Romanelli (2008) demonstra a trajetória de estudantes trabalhadores e as estratégias utilizadas pelas famílias para incentivar a escolarização desses filhos que trabalham em tempo integral, desde o ingresso na universidade. Examina de que modo esses jovens avaliam o curso e a instituição que frequentam, assim como, as expectativas que têm em relação ao próprio futuro profissional.

Ao analisar o texto de Maria Alice Nogueira (2011), vê-se que ela direciona seu estudo também as famílias de grupos médios, mas que são portadoras de elevada herança cultural. Examina as estratégias utilizadas por essas famílias, nas diferentes etapas da escolarização do filho, para otimizar o rendimento desse e a importância que atribuem às relações afetivas entre seus membros.

O que se entende é que os autores dos textos citados, colocam as famílias como sujeito central das suas pesquisas e evidenciam, por meio de seus estudos, o universo sociocultural, suas dinâmicas internas e suas interações com o mundo escolar. Descubrem que a “transmissão” dos capitais familiares requer condições adequadas e um trabalho de apropriação por parte do “herdeiro”, sem o que a “cadeia da transmissão” corre o risco de ser rompida.

Nesse mesmo sentido, entende-se que a família por ser a primeira instituição norteadora das bases de teor educativo, e estabelecendo uma cadência entre a educação escolar, bem como, a não-formal não-escolar, percebi a importância de se desvelar as estratégias familiares, na busca da educação de seus filhos, pois, segundo Zago (2000, p. 20), “Há hoje um certo consenso, entre os estudiosos da família, sobre as variações encontradas tanto nas formas de competição do grupo como nas estratégias educativas, entre outras práticas familiares”.

Em relação a isso, percebe-se que surge uma grande dúvida por parte das famílias, quando seus filhos estão atingindo a idade escolar: em qual escola deixar o filho? “[...] As famílias vêm-se agora em face da obrigação de definir seu projeto educativo, de confrontar, discutir, selecionar os estabelecimentos desejados” (NOGUEIRA, 2011, p. 43)

Nessa dinâmica, Nogueira (2011) cita que um dos principais instrumentos para a criação de uma economia de mercado educativo tem consistido na possibilidade de escolha das escolas, pelas famílias, no sistema privado de ensino. No Brasil, a frequência às escolas é financiada pelo Estado (escolas públicas) e, apesar de os alunos estarem sujeitos à obrigatoriedade de frequência das escolas da sua zona de residência, “zoneamento”, os pais fazem a escolha da escola para seus filhos baseados em critérios próprios, e nestes, não incluem somente as questão da proximidade como outras questões, uma vez que as famílias acabam por conseguir “furar” o sistema (NOGUEIRA, 2011)

Assim, é importante estar atenta às questões, pois se a família é um referencial na vida dos filhos, e é por esse motivo que no momento do processo de transição, as experiências anteriores ao ingresso na escola formal, vivenciadas no ambiente familiar, podem servir de facilitadoras ou como obstáculos, contribuindo ou não, com as questões econômicas escolares.

Diante disso, é preciso entender que algumas famílias optam por levar seus filhos a uma instituição educativa por conta das próprias exigências à luz de suas necessidades, devido a um certo “senso prático”, ou seja, a preferência dos pais. “Certamente, as estratégias educativas que pais e filhos utilizam ao pensar e organizar a vida escolar nem sempre são conscientes”. E que “os agentes são dotados de senso prático, ou de um “habitus”, enquanto sistema adquirido de preferências [...]” (ROMANELLI, 2003, p. 250)

Ao falar disso, Romanelli (2003) cita que, as duas instituições, família e escola, não podem ser consideradas de forma abstrata, de um modo dissociado de suas condições históricas e socioculturais. As famílias das camadas populares e das camadas médias adotam práticas distintas para favorecer a escolarização dos filhos. Ao explicitar essas variações, torna-se necessário superar análises deterministas da relação entre as condições sociais e escolares dos meios populares, e pensar a articulação entre os processos, o contexto, as estruturas e a participação dos atores sociais.

Nesse sentido, para que possamos compreender essa dinâmica entre a Sociedade, a Família e Escola, desde a idade antiga, média, e a moderna, a educação era posta de diferentes maneiras.

Inicia-se colocando que na antiguidade, segundo Philippe Ariès (2005), a educação acontecia através da transferência de conhecimentos feita de pais para filhos. Já o processo de

educação na idade média, apresenta duas características marcantes: a ruralização da sociedade e interferência da Igreja Católica sobre a vida das pessoas. Essas características também incidiram no sistema educacional desse período. A educação era de responsabilidade *da* igreja. Existiam nesse período medieval escolas que funcionavam anexas às catedrais ou a escolas monásticas que funcionavam nos mosteiros. Nesse contexto, a Igreja assumiu a tarefa de disseminar a educação e a cultura no medievo e o seu papel foi preponderante para o nosso legado educacional contemporâneo.

Segundo Ariès (2005), durante a Idade Média ocorria a participação coletiva de alunos de diferentes idades durante as aulas, isto é, crianças, jovens e adultos recebiam, todos juntos, os mesmos conteúdos ensinados pelo mestre, sendo estes repetitivos, já que não existia tal como ocorre na idade moderna. Além disso, o autor argumenta sobre a indiferença quanto à idade dos alunos, revelando a inexistência da própria ideia de idade, que despertará somente no final desse período.

A escola no período medieval, conforme Ariès era dirigida por um cônego, ao qual se dava o nome de *'scholarius' ou 'scholasticus'*. Os professores eram clérigos de ordens menores e lecionavam as chamadas sete artes liberais: gramática, retórica, lógica, aritmética, geografia, astronomia e música, que mais tarde constituíram o *currículum* de muitas universidades. Para acontecer o ensino, precisava-se de uma autorização, essa era cedida pelos bispos e pelos diretores das escolas eclesiásticas que, com medo de perderem a influência, dificultavam ao máximo essa concessão. Reagindo contra essas limitações, professores e alunos organizaram-se em associações denominadas *'universitas'*, que mais tarde originou a palavra *'universidades'*.

Ariès (2005, p. 95) esclarece-nos que na Idade Média as crianças eram tratadas como adultos em miniatura, tanto na forma de se vestir, como na participação em eventos. Os adultos se relacionavam com a criança da mesma forma que o faziam com outro adulto, sem discriminação, falando vulgaridades e brincadeiras grosseiras, e até mesmo com brincadeiras sexuais. Isso ocorria porque não acreditavam na inocência da criança e não percebiam que tinham características diferentes das do adulto; assim, as crianças eram percebidas como adultos em tamanho reduzido.

Ariès (2005) explica que os colégios do século XIII não eram instituições nas quais se ensinavam aos alunos; fundados por meio de doações, funcionavam apenas como moradia aos estudantes pobres bolsistas.

Na Idade Média, segundo Philippe Ariès (2005), no seu livro *"História Social da Infância e da Família"*, a infância terminava para a criança ao ser esta desmamada, o que

aconteciam por volta dos seis a sete anos de idade. A partir dessa idade, ela passava a conviver definitivamente com os adultos. Acompanhava sempre o adulto do mesmo gênero e fazia o mesmo que eles: trabalhava, frequentava ambientes noturnos, bares etc.

Destaca Ariès (2005) que:

Ainda não havia o conceito de escolas. Lembra o autor que o que existia eram as salas de estudo livres, frequentadas por qualquer pessoa que necessitasse aprender a ler e escrever: crianças, adolescentes e adultos. Lembrando que, se a infância era curta, a adolescência não existia. Além disso, não existia um trabalho pedagógico diferenciado de acordo com cada faixa etária; as classes podiam conter até 200 alunos. Estudavam pessoas de qualquer classe social; nessa época, não se fazia distinção entre eles. O convívio entre as classes sociais era normal em qualquer lugar da sociedade.

Apesar da necessidade da criança se afastar dos pais desde cedo, para frequentar uma escola distante, esse afastamento não possuía o mesmo caráter e a mesma duração da época em que iria viver com outra família na condição de aprendiz.

Essa volta da criança ao lar é responsável pela configuração familiar do fim do século XVII. Ela era um elemento fundamental na vida cotidiana e os adultos se preocupavam com sua educação, carreira e futuro (ARIÈS, 2005)

A Modernidade para Ariès (2005) é um período histórico inconcluso, iniciado no final do século XV, marcado pelo seu caráter revolucionário em relação a costumes, princípios, valores, de ordem econômica, política, social e cultural vigentes no momento anterior, a Idade Média.

Com a modernidade, Ariès (2005) coloca que ocorre a ruptura com a sociedade de ordens, que barrava as liberdades individuais; a laicização política, econômica e cultural, proporcionando a formação dos Estados Nacionais, a abertura do comércio, à valorização da autonomia e da capacidade humana (antropocentrismo); as descobertas geográficas; o desenvolvimento das cidades; o surgimento de uma nova classe, a burguesia; e, como consequência, promove uma revolução na pedagogia e na educação.

Direcionado por novos modelos e valores sociais, Ariès (2005), afirma que o homem necessitará de uma formação renovada, a qual vise à racionalidade e o estado mundano do homem, ou seja, uma educação voltada para a formação do indivíduo socialmente ativo, livre de princípios antigos e religiosos, uma educação ciente dos diversos níveis de desenvolvimento físico, moral e social do ser humano. Uma complexa antinomia, porém, perpassa a Modernidade: os ideais de liberdade em relação a valores medievais fechados se chocam com o domínio de um governo que visa moldar a sociedade segundo um padrão de comportamento.

A busca pela autonomia se contrapõe ao ideal de conformação pelo qual se impõe o controle social.

Para Ariès (2005), a sociedade moderna constitui-se por processos de civilização, racionalização, institucionalização, os quais exercem ação sobre os indivíduos por meio de costumes, etiquetas, cálculos que visem o lucro, enfim são processos que normalizam e dominam a sociedade. Tendo o Estado como uma instituição central, este criará outras instituições como escolas, asilos, hospitais, família idealizada, prisões, por meio das quais se estabelecerão a ordem, a disciplina, os comportamentos objetivados e o controle social se estenderá.

Conforme Ariès (2005), no século XV esses colégios passam a ser institutos de ensino, nos quais grande número de pessoas, não apenas os bolsistas, irão receber ensinamento e serão postas a uma hierarquia autoritária.

Philippe Ariès, em 2005, no seu livro *“História Social da Infância e da Família”*, fala da concepção de infância que conhecemos hoje, e como vem evoluindo e se desenvolvendo desde o século XV. Diz ele que foi no fim desse século que começaram a acontecer às mudanças. Até então, o que denominamos de primeira infância (três ou quatro anos), a criança era acompanhada pelos pais e tinha seus momentos de criança, isoladamente ou brincando e jogando com outras crianças. Logo depois, passam a jogar e brincar com os adultos e com jogos de adultos; até mesmo das festividades esses pequenos participavam até acabar. As famílias não desenvolviam afetividade pelas crianças e não havia a preocupação em cuidar deles com sentimentos fraternos.

Os colégios funcionavam por meio de regras como a disciplina, a vigilância e o controle dos alunos, as quais proporcionaram a evolução da escola simples da Idade Média para a complexidade da escola moderna. Essa evolução dos colégios, considerando que indivíduos de diferentes idades têm necessidades e capacidades específicas, em particular as crianças e suas particularidades, proporcionou a separação, primeiramente dos menores, depois dos maiores, porém somente no âmbito escolar, já que na sociedade a separação das idades ainda não existia.

Diz o autor, que durante o século XVII, com as mudanças políticas, sociais e econômicas do período, a concepção das famílias em relação à infância começa a se modificar (ARIÈS, 2005, p. 100)

Para Ariès (2005) as crianças começam a ser vistas com outros olhares, passando a ter um espaço mais demarcado simbolicamente e materialmente na vida cotidiana das famílias. Sendo assim, os adultos já começam a se preocupar com a educação dos filhos, que passam ocupar um lugar mais central no seio familiar. Nesse período, passa-se a enxergar a educação

de forma diferenciada, sendo que as classes “abastadas” pagavam mestres particulares para suas crianças. Foi no século XVIII que nasceram as primeiras escolas públicas mantidas pelo Estado. Em meio a este processo histórico, a escola sempre foi tida como instrumento das classes dominantes para manutenção de sua hegemonia. Conforme dito, a partir do século XVIII, segundo Ariès (2005, p.115):

A família moderna, ao contrário, separa-se do mundo e opõe à sociedade, o grupo solitário dos pais e filhos. Toda energia do grupo é consumida na educação das crianças, cada uma em particular, e sem nenhuma ambição coletiva: as crianças mais do que a família. Essa evolução da família medieval, durante muito tempo se limitou aos nobres. Ainda no início do século XIX, uma grande parte população, a mais pobre e mais numerosa, vivia como as famílias medievais, com as crianças afastadas dos pais (ARIÈS, 2005, p.115)

Diante disso, a partir das mudanças engendradas com o início da modernidade, as crianças passam a ter outro sentido para os pais, perdendo a imagem adultizada e, com isso, a educação começa a ser objetivo das famílias. Porém, como vimos, essa centralização dos processos educativos nos filhos ainda era, a princípio, uma prerrogativa somente dos nobres ou dos mais abastados economicamente, que podiam dedicar seus esforços, se desprendendo dos imperativos de sobrevivência. Isto significa que essas famílias, desprendidas de um trabalho constante de sobrevivência, podiam se dedicar à educação dos filhos, individualmente.

Na modernidade, temos a consolidação da família nuclear, gerada no interior de um modelo de família conservadora, símbolo da continuidade parental e patriarcal que marca a relação pai, mãe e criança. A preocupação da família com a educação da criança produziu mudanças nas dinâmicas familiares e, conseqüentemente, houve a necessidade da imposição de regras e normas para uma nova educação, na qual a criança passa a ser objeto de controle familiar ou do grupo social em que está inserida (ARIÈS, 2005, p.115)

Nos séculos que se seguiram, cada vez mais a escolarização passa a se tornar objetivo central nos projetos familiares. No século XX, cenário do pós 2ª Guerra, houve um crescimento dos sistemas nacionais de ensino nos principais países industrializados ocidentais. Esses países estavam destruídos pela guerra e passavam por um processo de reconstrução e, a partir daí, tendo em vista a necessidade de investir nos processos educacionais, surgiu um grande interesse dos governos e dos cientistas sociais em compreender as relações entre sistema escolar e família para desvelar os problemas educacionais vigentes.

Muitas vezes, o corpo técnico considera difícil trabalhar com essas famílias tão diversificadas socialmente e não consegue romper com essa lógica reprodutiva da desigualdade social. Apesar dessa constatação, os sociólogos reconhecem a importância da família no

contexto escolar e entendem que o atendimento às famílias pelas escolas deveria ser individualizado, cada qual conforme sua necessidade.

Em particular, temos a escola e a família como instituições fundamentais, encarregadas em formar e cuidar dos indivíduos, não apenas de seu crescimento evolutivo e de sua instrução formal, como também de sua formação pessoal e social, em especial durante a infância e a adolescência.

Essa mudança da família medieval para a família moderna ocorreu mais visivelmente para as famílias mais ricas, pois, ainda no século XIX, grande parte da população ainda vivia como na idade média, com as crianças afastadas dos pais. Pode-se dizer que a instituição família passou ser reconhecida no final da Idade Média, quando tinha como fundamento a fidelidade de seu grupo. Essa instituição era maior em número de filhos e tinha, além de outras responsabilidades, a missão de educar e proteger seus integrantes (ARIÈS, 2005. p.274)

Por meio de observações sobre o papel da família da Idade Medieval à Idade Moderna, o historiador apresenta o nascimento e o desenvolvimento do sentimento ‘família’ a partir do século XV. Até o século XVIII, tal sentimento limitava-se às classes de homens ricos e importantes do campo e da cidade, como a aristocracia e a burguesia. Com o decorrer dos anos, a família teve suas funções alteradas, estando a família moderna distante da concepção de patrimônio e/ou reputação, como as famílias medievais. Para o autor, a família tornou-se “uma sociedade fechada onde seus membros gostam de permanecer [...]” (ARIÈS, 2005, p. 274)

Na Idade Média, a família cumpria a função de assegurar a transmissão de vida, bens e nomes, não avançando na questão da sensibilidade. Na Idade Moderna a família deixa de ser apenas uma instituição do direito privado com tais fins, para assumir a função moral e espiritual de formar pessoas.

O cuidado dispensado às crianças passou a inspirar sentimentos novos (...) o sentimento moderno da família. Os pais não se contentavam mais em pôr filhos no mundo, em estabelecer apenas alguns deles, desinteressando-se dos outros. A moral da época lhes impunha proporcionar a todos os filhos, e não apenas ao mais velho – e, no fim do século XVII, até mesmo às meninas – uma preparação para a vida (ARIÈS, 2005, p. 277)

A partir, portanto, das novas funções familiares, surge a preocupação da família para com a formação escolar, sendo esta o meio que possibilitaria a ‘preparação para a vida’ mencionada. Nesse sentido, a aprendizagem passa também por mudanças com a nova concepção acerca da família e sua função, sendo a aprendizagem tradicional substituída pela escola, esta transformada em instrumento de disciplina, protegida pela justiça e pela política. Áries (2005) faz esta reflexão:

O extraordinário desenvolvimento da escola no século XVII foi uma consequência dessa preocupação nova dos pais com a educação das crianças. As lições dos moralistas lhes ensinavam que era seu dever enviar as crianças bem cedo à escola [...]. A família e a escola retiraram juntas as crianças da sociedade dos adultos. A escola confinou uma infância outrora livre num regime disciplinar cada vez mais rigoroso, que nos séculos XVIII e XIX resultou no enclausuramento total do internato. A solicitude da família, da igreja, dos moralistas e dos administradores privou a criança da liberdade de que ela gozava entre os adultos [...]. Mas esse rigor traduzia um sentimento muito diferente da antiga indiferença: um amor obsessivo que deveria dominar a sociedade a partir do século XVIII. É fácil compreender que essa invasão de sensibilidades pela infância tenha resultado nos fenômenos hoje melhor conhecidos do malthusianismo ou do controle da natalidade. Este último surgiu no século XVIII, no momento em que a família acabava de se reorganizar em torno da criança e erguia entre ela mesma e a sociedade o muro da vida privada (ARIÈS, 2005, p. 277-8)

Independente da classe social das famílias, todas enviavam suas crianças para as casas alheias, enquanto recebiam em suas casas, crianças vindas de outras famílias. Dessa forma, a criança, desde muito cedo escapava à sua família, mesmo que voltasse depois de um tempo, o que nem sempre ocorria. Essa forma de organização não permitia que as famílias alimentassem o sentimento profundo de apego que conhecemos atualmente nas relações entre pais e filho. Nesse contexto, a família era uma realidade mais moral e social, e menos sentimental. Para as famílias pobres, o sentimento praticamente não existia e para as famílias ricas, o sentimento era mais voltado pelo reconhecimento e manutenção da linhagem, prosperidade do patrimônio e honra do nome.

A partir do século XV, com a apropriação da educação das crianças pela escola, surge uma mudança na organização familiar.

Assim, para falar das famílias da idade média a moderna, elas se diferenciam muito, principalmente no que se refere às atitudes em relação às suas crianças. Essas eram mantidas em casa até os 7 ou 9 anos, a partir daí, eram entregues a outra família, na condição de aprendizes, para realizarem serviços domésticos ou outras tarefas pesadas.

Finalmente, podemos dizer que era uma educação sem uma finalidade realmente educacional, mas de exploração e descaracterização da criança enquanto ser.

2.2. A ESCOLA MODERNA: instrução, disciplina e valorização do tempo infantil

A partir do século XV os alunos foram agrupados conforme sua capacidade e esses grupos eram dirigidos por um único mestre num mesmo local. No decorrer deste século, cada grupo passa a ter o seu próprio professor, mas ainda os grupos são mantidos num único local. Aos poucos cada classe com seu respectivo professor passa a ocupar uma sala separada, originando a classe escolar moderna.

Philippe Ariès (2005) argumenta que esse processo de diferenciação dessa parcela escolar atendeu a uma preocupação nova em construir um ensinamento baseado no nível do aluno, contrariando os métodos medievais de simultaneidade ou de repetição, bem como e a pedagogia humanista, que não diferenciava a criança do adulto e confundiam a instrução escolar – uma preocupação para a vida – com a cultura – uma aquisição da vida.

Assim, a separação das classes revelava a conscientização das particularidades da infância ou da juventude e das categorias que existiam dentro destas.

Em relação à composição das classes na Europa, segundo o autor, durante os séculos XV, XVII e XVIII, esta era por idade. No entanto, a mistura das idades ainda permaneceu até o final do século XVIII, fazendo com que crianças de 10 a 14 anos, adolescentes de 15 a 18 e rapazes de 19 a 25 frequentassem as mesmas classes.

Até o século XV, cita o autor, que os estudantes não estavam submetidos a uma autoridade disciplinar extracorporativa, a uma hierarquia escolar. O estudante podia morar com sua própria família ou com uma outra família, a qual era confiado com um contrato que previa sua frequência numa escola latina. Assim, o menino entrava para uma corporação, mantendo vivo o sentimento de sua comunidade de vida; ou poderia seguir um menino mais velho. Em todos esses casos, o estudante pertencia a uma sociedade de camaradagem que regulava seu cotidiano, mais do que a escola e seu professor, já que essa camaradagem, às vezes brutal, era aceita socialmente.

Os estudantes começavam a se deteriorar, por meio da oposição de uma opinião influente, aparecendo no final como uma forma de desordem e de anarquia. Com o sistema de camaradagem ausente, a juventude escolar seria organizada por meio de novos princípios de comando e de hierarquia autoritária. Essa evolução se estendeu a toda a sociedade não somente à infância, tendo o absolutismo monárquico como um de seus aspectos. Porém, na escola, ela proporcionou uma modificação paralela do sentimento da infância.

Desde o século XV, ao mesmo tempo em que lutavam contra os hábitos escolares de solidariedade corporativa, esses homens adeptos da ordem, procuravam difundir uma ideia nova da infância e de sua educação: as crianças não podiam ser abandonadas a uma liberdade sem limites hierárquicos, sendo exigidos uma disciplina maior e princípios mais estritos.

Para Philippe Ariès (2005), os mestres-escolas não deviam mais ser os primeiros camaradas da criança. Sua missão não consistia apenas em transmitir conhecimentos, como mais velhos diante de companheiros mais jovens; eles também deviam formar os espíritos, inculcar virtudes, educar tanto quanto instruir. Era um dever também usar sem indulgência

culpada, de seus poderes de correção e punição, pois isso envolvia a salvação da alma das crianças, pelas quais eles eram responsáveis perante Deus.

Durante o século XVI e início do século XVII, a precocidade da infância era um hábito comum, sobrevivente dos costumes medievais escolares, nos quais se misturavam as idades e tratava-se com naturalidade as habilidades precoces infantis. Mais surpreendentes eram os dons, as carreiras brilhantes, já que durante certo período a precocidade estava relacionada ao sucesso. No entanto, essa valorização de jovens prodígios perdeu sua força no século XVIII, quando surgiu uma repugnância pela precocidade e uma maior observação das misturas das idades. As crianças pequenas, que já eram eliminadas pela política escolar, começam a ser distinguidas das maiores, por meio de um sentimento novo que fazia nascer a diferenciação entre uma primeira infância mais longa, e a infância escolar.

A repugnância pela precocidade infantil proporcionou a diferenciação por meio da escola, da camada da infância, se estendendo até cerca de 10 anos.

Philippe Ariès (2005) se utiliza da expressão “infância escolar” para se referir ao momento infantil no qual a criança passava a se integrar no ambiente escolar, a partir dos 9-10 anos, idade em que a criança já era considerada capaz o suficiente de frequentar o colégio. Até essa idade, período da primeira infância, o que justificava o retardamento da entrada para o colégio era a fraqueza, a “imbecilidade”, ou a incapacidade das crianças pequenas.

A partir do século XV e, sobretudo nos séculos XVI e XVII, apesar da indiferença à idade, o colégio iria se dedicar à formação da juventude, necessitando agora de uma disciplina constante, de origem religiosa, diferente de uma violência de uma autoridade mal respeitada, e que difere também a escola medieval da escola moderna. Essa disciplina alcançaria as famílias, impondo-as a um respeito pelo ciclo escolar integral. Assim, a escolaridade atingiria apenas crianças e jovens, sendo relativamente longa – no fim do século XVIII, semelhante ao século XIX, o ciclo escolar era de 4 a 5 anos, no mínimo, sendo a infância prolongada por todo esse período (ARIÈS, 2005)

No século XVII, Ariès (2005) fala que os moralistas e educadores impuseram seu sentimento de uma infância longa, por meio do sucesso das instituições escolares e das práticas de educação que eles disciplinaram. A infância foi prolongada além das primeiras idades com a introdução de uma etapa antecedente a fase adulta, a etapa do colégio.

Assim, comenta o autor que no fim do XVIII para o século XI, a adolescência se distinguiu através da conscrição, e posteriormente, do serviço militar. No entanto, essa função demográfica da escola não surgiu rapidamente como uma necessidade, mas a escola permaneceu por muito tempo indiferente à separação e à diferenciação das idades, já que seu

objetivo era a instrução dos clérigos, e não a educação da infância. Até que no século XVIII os educadores condenassem a manutenção de alunos mais velhos no colégio, sendo que essa prática realmente desapareceria no século XIX (ARIÈS, 2005)

Conforme Ariés (2005), os inovadores que findaram com a indiferença da escola pela formação infantil foram os jesuítas, os oratorianos e os jansenistas do século XVII, fazendo surgir a particularidade infantil, o conhecimento da psicologia infantil e a preocupação com os métodos de ensino. Porém, para as crianças que não passavam pelo colégio, a infância não era prolongada, ou seja, os hábitos de precocidade da infância curta persistiam, o que acontecia também com as mulheres, as quais até o século XIX permaneceram fora da instituição escolar.

Até o século XVIII, a partir de Ariés (2005), a população escolarizada não se referia a certas classes sociais. Nobres podiam não frequentar a escola, enquanto camponeses o faziam, por exemplo. Porém, a partir de então, a escola única foi substituída por um sistema de ensino duplo, no qual o colégio ou o liceu era para os burgueses (o secundário) e a escola para o povo (o prim a r io). O primário, que era um ensino curto, logo foi prolongado, e a condição social já não era impedimento para os estudos.

3. CAPÍTULO II

3.1. A IMPORTÂNCIA DA RELAÇÃO ESCOLA E FAMÍLIA

A escola e a família sofreram grandes modificações no decorrer do tempo e a criança passou a ser o foco principal do sistema educacional. Essas mudanças incidem diretamente nas relações entre escola e família.

A família é o local onde se inicia o desenvolvimento humano; e a escola é, aos olhares da sociedade, uma extensão da família, devendo ser pensada como uma instância mediadora entre as gerações e a cultura acumulada, pois é através dela que se formam cidadãos críticos e conscientes para ingressarem nessa sociedade.

Assim, a importância da relação entre família e escola sempre permeia qualquer trabalho de cunho educativo que tenha como principal objetivo o aluno, para que sejam estudadas e trabalhadas as suas realidades e limitações, comungando dos mesmos ideais, de maneira a superarem dificuldades que são motivos de angústia tanto dos profissionais como dos pais. Transmitindo apoio ao aluno, dando a ele confiança e espaço para discutir assuntos relacionados à sua aprendizagem, possibilita uma reciprocidade de sentimentos, um respeitando o espaço do outro, pois o desenvolvimento humano acontece quando há o envolvimento de todas as partes, sendo influenciado por vários fatores: cognitivo, social, emocionais, psicológicos, ambientais, dentre outros.

O processo educativo não se limita à escola ou à família, mas acompanha o indivíduo por toda a vida, sendo um eixo fundamental na sua formação de conhecimentos para as suas inserções sociais. Há uma necessidade de um constante acompanhamento dos pais na vida escolar dos filhos, estabelecendo regras e comportamentos socialmente adequados, buscando trabalhar em conjunto com a escola, fazendo com que ela repense suas práticas pedagógicas, para que juntos, possam levar as crianças e os jovens a compreenderem que quem tem direitos e deveres, e que essa união entre a escola e a família, buscando sempre a cooperação e o entendimento, é a base para a inserção na sociedade. Nóvoa (2007) reflete que:

A escola não é o princípio da transformação das coisas. Ela faz parte de uma rede complexa de instituições e de práticas culturais. Não vale mais, nem menos, do que a sociedade em que está inserida. A condição da sua mudança não reside num apelo à grandiosidade da sua missão, mas, antes, na criação de condições que permitam um trabalho diário, profissionalmente qualificado e apoiado do ponto de vista social. A metáfora do continente (os grandes sistemas de ensino) não convém à escola do século XXI. É na imagem do arquipélago (a ligação entre pequenas ilhas) que melhor identificamos o esforço que importa realizar (NÓVOA, 2007. p.6)

Esse legado de diferenças, essas ilhas que precisam ser ligadas retomam a trajetória de dificuldades no acesso e permanência na escola, o quê vem transcorrendo ao longo dos séculos na trajetória educacional brasileira. Essa situação comprovada quando ainda encontramos crianças em idade escolar fora da vivência educacional, e adultos analfabetos. Participar de uma acirrada sociedade de consumo que luta no cotidiano por sobrevivência em um país capitalista é, acima de tudo, ter a certeza de que existem muitos desafios a serem enfrentados, a exemplo da falta de escolarização, que provoca no cidadão maior vulnerabilidade e menor condição de inserção social.

Assim, muitos ficaram e ainda ficam de fora dessa história, sem condições de acesso a uma proposta de educação digna e que atenda aos seus anseios enquanto cidadãos, sujeitos de sua trajetória.

Dessa forma, entende-se que a escola tem a função de disseminar um saber específico, sistematizado, possibilitando ao sujeito a aquisição de conhecimentos que o levem a um saber científico e organizado. Essas duas instituições têm objetivos distintos, mas se complementam a partir do momento em que compartilham a mesma tarefa, que é a de preparar os indivíduos para sua total inserção na sociedade, visando sua formação crítica e participativa.

Assim visto, a relação família/escola percorre em dois caminhos distintos. De um lado da classe trabalhadora, em suas diferentes camadas, a luta por um ensino de qualidade e gratuito, do outro a legitimação das instituições por uma cultura regularizada, onde apenas os alunos de capital cultural mais elevado conseguem se sobressair. Existem algumas exceções que permitem aos alunos das classes populares percorrer o sistema educacional, isso não altera o alto índice de influência nas estruturas de ensino e no conteúdo cultural, sendo que a sociedade se divide através das classes trabalhadora e burguesa, predominando os interesse da classe que detém o capital.

Assim, é possível caracterizar que a relação entre a família e escola, de acordo com Polonia e Dessen (2005), pode trazer melhor desenvolvimento em diversos níveis, como cognitivo, social, ampliando assim os recursos e as possibilidades de avanços do aluno.

A instituição escolar tem modelos para organizar-se e planejar-se em diversos aspectos, como o número de alunos em sala, o suporte oferecido dos professores aos alunos, entre outras características que em sua metodologia podem influenciar e contribuir na qualidade de realização do que a escola possa passar e oferecer aos seus alunos. Ainda que este planejamento da escola esteja bem estruturado, uma parte da concretização do que se aprende acontece quando a criança está em vivência social, com sua família (POLONIA e DESSEN, 2005)

Por isso, cabe novamente dizer que é importante que a família esteja próxima à escola para acompanhar possíveis mudanças, a fim de seguir na mesma direção para o desenvolvimento dos alunos.

Um aspecto que pode influenciar a participação dos pais no contexto escolar é o nível socioeconômico e de escolaridade (POLONIA e DESSEN, 2005). Isto porque os pais acabam, por vezes, se sentindo limitados e inseguros para participar e ajudar em relação à aprendizagem. O que pode do mesmo modo ocorrer são professores despreparados para lidar com os pais, dada sua percepção de que estes poucos possam ajudar ou, ainda, um receio de grande cobrança destes, o que justifica também a iniciativa de se haver um projeto que integre pais e professores, família e escola.

A relação entre família e escola, portanto, requer estratégias de integração, procurando reconhecer os pontos que colaboram e os que trazem dificuldade para esta interação. Esta relação envolve uma série de necessidades e atividades a serem feitas, e estas devem ser esclarecidas para que de fato aconteçam em favorecimento à aprendizagem e ao desenvolvimento. Muito tem a ver com os pais e as escolas que delineiam as atividades de rotina e escolares, para melhor dinamizar o desenvolvimento e aprendizagem das crianças. Polonia e Dessen (2005) explicam que:

[...] os pais devem participar ativamente da educação de seus filhos, tanto em casa quanto na escola, e devem envolver-se nas tomadas de decisão e em atividades voluntárias, sejam esporádicas ou permanentes, dependendo de sua disponibilidade. No entanto, cada escola, em conjunto com os pais, deve encontrar formas peculiares de relacionamento que sejam compatíveis com a realidade de pais, professores, alunos e direção, a fim de tornar este espaço físico e psicológico um fator de crescimento e de real envolvimento entre todos os segmentos (POLONIA e DESSEN, 2005, p.307-8)

Assim, a integração do ambiente escolar e familiar, ainda que se constitua em tarefa desafiadora, deve ser compreendida com o auxílio de pesquisas e estudos que dêem suporte a tal relação ao discorrerem sobre os fatores que beneficiam ou dificultam esta integração. Além disso, considerar o contexto socioeconômico e as relações sociais vigentes torna-se relevante na construção desse processo.

Sabe-se que hoje em dia as famílias são menores, possuindo em média até três pessoas, em sua maioria e seus laços estão mais frágeis, possíveis de ser desfeitos em função dos interesses individuais de seus membros.

Com relação ao projeto pedagógico da escola, pode trazer em seu conteúdo linhas para integração com a família, buscando como consequência estimulação para o processo de aprendizagem e desenvolvimento. “É o projeto pedagógico que permite uma flexibilização das

ações conjuntas, de forma complementar, e o desenvolvimento de repertórios singulares a cada espaço educacional” (POLONIA e DESSEN, 2005, p. 305)

Com isso, vale dizer que dentre os objetivos do projeto pedagógico, segundo Polonia e Dessen (2005), estão às contribuições da escola para o desenvolvimento da criança mediante a aprendizagem de conhecimento de diversas áreas científicas básicas, como também política, cidadania, oferecendo um contexto em que a criança possa aprender e desenvolver um raciocínio crítico, com possíveis “ferramentas” para modificar o meio em que vive de modo mais adequado.

De acordo com Zago (2000, p.19-20), há hoje um consenso, entre os estudiosos da família, sobre as variações encontradas tanto nas formas de composição do grupo como nas estratégias educativas, entre outras práticas familiares. Seja qual for a estratégia utilizada, a família, por intermédio de suas ações materiais e simbólicas, tem um papel importante na vida escolar dos filhos, e este não pode ser desconsiderado. Trata-se de uma influência que resulta de ações muitas vezes sutis, nem sempre conscientes e intencionalmente dirigidas.

Segundo o autor, pode-se dizer que a família sofreu igualmente profundas mudanças decorrentes das transformações globais (industrialização, urbanização, ingresso das mulheres no mercado do trabalho), mudanças nos comportamentos do casal (entre outras: ruptura do quadro tradicional provedor/dona de casa, diminuição do número de filhos), transformações nas formas de organização familiar: aumento de divórcios e de famílias monoparentais, ou ainda recompostas, entre outras formas. As transformações nas esferas econômicas, sociais, culturais, de valores, de formas de organização que ocorreram na sociedade nas últimas décadas deram margem a uma variedade de arranjos domésticos e de práticas educativas.

Essa situação da formação das famílias atualmente, quando se depara com as famílias formadas conforme os valores e práticas de cada sociedade.

Em situações em que as condições econômicas são altamente desfavoráveis à escolarização, pode-se identificar um relativo êxito no ensino fundamental e médio, materializado durante todo o ciclo ou a partir de um determinado momento do percurso escolar. As práticas familiares como de acompanhamento nas atividades escolares dos filhos, mas também transmissão de valores, o apoio sistemático de outros membros da família ou fora desta, como um professor, que encorajam o estudante; a demanda escolar relacionada à atividade profissional e conquistas de ascensão no local de trabalho; o tipo de trajetória social familiar; os resultados escolares, entre outras situações, podem produzir disposições favoráveis na definição de percursos singulares com características nitidamente distintas das de colegas da

mesma idade e origem social. Pesquisas sobre trajetórias escolares de estudantes universitários de origem popular fornecem evidências na direção desses resultados (ZAGO, 2007)

Percebemos nas classes populares a diferença na formação das famílias por conta das condições econômicas, uma vez que estas fazem um acompanhamento mais direcionado com relação aos valores e as questões educacionais.

Nesse sentido, toda educação consiste num esforço contínuo, homogêneo e ao mesmo tempo diferenciado, que estabelecem as crianças maneiras de ver, sentir e de agir. A transformação da educação está atrelada a diversidade dos contextos sociais de acordo com o momento que se vive. Estamos sempre em busca de um novo saber, onde o conhecimento científico tornou-se indispensável. Esse saber demasiado é esclarecido pela ciência de acordo com a organização social, nossa vontade de melhor, o que não deprecia o ser, mas ao contrário, engrandece a si próprio, tornando-se essencial no papel educacional.

Assim, o dilema da escola centrada no aluno ou na aprendizagem, é muito importante, segundo Nóvoa (2007) porque diferente do que se pensavam a escola deve estar centrada na aprendizagem.

Há hoje [na escola] um excesso de missões. A sociedade foi lançando para dentro da escola muitas tarefas que foram aos poucos apropriadas pelos professores com grande generosidade, com grande voluntarismo, o que tem levado em muitos casos a um excesso de dispersão, à dificuldade de definir prioridades, como se tudo fosse importante. Muitas das nossas escolas são instituições distraídas, dispersivas, incapazes de um foco, de definir estratégias claras. E quando se enuncia cada uma dessas missões ninguém ousa dizer que não são importantes. Mas a pergunta que se deve fazer é: a escola pode fazer tudo? É preciso combater esse “transbordamento”. Tudo é importante, desde que não se esqueça de que a prioridade primeira dos docentes é a aprendizagem dos alunos (NÓVOA, 2007, p. 6)

O autor chama de “transbordamento” as atribuições impostas à escola, seja pela sociedade ou pelo Estado, e que precisam ser analisadas para não dispersar a prioridade principal da escola e dos docentes, que é a aprendizagem dos alunos.

Pode-se dizer que maioria das escolas se envolvem com muitas atribuições em diferentes atividades, e acabam perdendo seu foco principal que é o desenvolvimento da aprendizagem dos alunos.

Nesta perspectiva, é necessário fortalecer a escola com foco na aprendizagem, considerando o aluno e o conhecimento como de fundamental importância para o processo ensino e aprendizagem. A aprendizagem não acontece sem aluno, sem considerar as referências às suas subjetividades, sem considerar os seus contextos sociais, suas sociabilidades, ou seja, o seu contexto de realidade (NÓVOA, 2007).

Falar de um patamar comum de conhecimentos é também falar de um compromisso ético dos professores (NÓVOA, 2007).

Dessa forma, uma escola focada na aprendizagem deve ser um local onde as crianças aprendem a estudar, aprendem a trabalhar, aprendem a se relacionar com o mundo e com os outros de forma ética, responsável, respeitosa e organizada. Segundo Nóvoa (2007) atualmente há um *déficit* na sociedade:

[...] as crianças aprendem pouco, a estudar e a trabalhar. É um problema que se pode verificar nos países do sul da Europa, nas escolas portuguesas, italianas, gregas, em parte das francesas, e também nos países da América do Sul, diferentemente do que se vê nos países do norte da Europa, cujas escolas estão bastante focadas na aprendizagem do estudo, do trabalho, do trabalho autônomo, em grupo, no trabalho cooperativo. É central dispormos dessas ferramentas, principalmente quando se discute a importância da aprendizagem por toda a vida (NÓVOA, 2007, p. 14).

É preciso observar que a educação está em permanente processo de mudança uma vez que é influenciada pela revolução das técnicas, desta forma a educação se transforma a todo instante. Para uma escola atenta as mudanças que impactam a sociedade, todo o coletivo envolvido no processo educacional, (professores, alunos, pais e gestão), deve acompanhar a mudança e fazer parte da inovação e transformação da escola, uma vez que o contexto social, político, econômico e cultural estão inseridos na vida da instituição e das pessoas que dela fazem parte.

Por fim, partindo da premissa de que a aprendizagem é um processo contínuo e gradativo, que permeia todas as etapas do desenvolvimento do ser humano e integra seus aspectos físico, intelectual, emocional e social, é que se pode compreender a aprendizagem como um processo contínuo e permanente. Ao defender a escola centrada na aprendizagem Nóvoa (2007) afirma que a escola precisa ser menos “transbordante” e mais direcionada. Sendo fundamental que os alunos saiam da escola com um patamar comum de conhecimentos para que todos possam estar nas mesmas condições de conhecimento na sociedade.

4. CAPÍTULO III – CAMINHOS DA PESQUISA

4. METODOLOGIA DA PESQUISA

4.1. LOCAL DA PESQUISA

A pesquisa deu-se na Escola Estadual de Ensino Fundamental e Médio “Professor Marcos Nunes”, localizada na Rua José Bonifácio, nº 11, no Distrito de Tacioteua, meio rural do município de Santa Maria do Pará.

A referida escola faz parte da rede estadual de ensino, é uma instituição de médio porte, desenvolve as etapas do Ensino Fundamental (anos iniciais ao final), Ensino Médio e Educação de Jovens e Adultos (Ensino Fundamental).

Possui matriculados, neste ano o total de 354 (trezentos e cinquenta e quatro) alunos, distribuídos no Ensino Fundamental I, Ensino Fundamental II, Ensino Médio e EJA.

A escola possui 32 (trinta e dois) funcionários ao todo, sendo gestores, professores, técnicos, e pessoal administrativo e de apoio.

A instituição dispõe de 8 (oito) salas de aula sendo utilizadas, 4 (quatro) banheiros, sendo 2 (dois) masculinos e 2 (dois) femininos, 1 (uma) sala de leitura, 1 (uma) secretaria, 1 (uma) sala de direção, 1 (uma) sala de informática, 1 (uma) sala de professores, 1 (uma) biblioteca, 1 (uma) cozinha, 1 (uma) quadra de esporte coberta e o refeitório.

Como recursos, a escola dispõe de computadores administrativos, computadores para alunos, TV, DVD, antena parabólica, retroprojetor, impressora e outros.

4.2. TIPO DE PESQUISA

No presente trabalho articulamos a pesquisa bibliográfica e pesquisa empírica.

4.2.1. Quanto à Abordagem

A pesquisa se deu com enfoque qualitativo, o que Lüdke & André (2004, p. 18) diz que essa forma de investigação “é rica em dados descritivos, é aberta e flexível e foca a realidade de forma complexa e contextualizada”. E, Minayo (2010) considera como sendo uma abordagem preocupada com uma realidade que não pode ser quantificada; trabalha-se, portanto, com o universo de significados, motivos, aspirações, crenças, valores e atitudes. Por esse

motivo, para a questão, se implementou para compreender segundo o discurso de responsáveis pelos alunos, os motivos da não participação na escola, pois trata-se de práticas de sujeitos.

4.2.2. Quanto aos Objetivos

A dimensão empírica da pesquisa foi realizada na EEEFM “Professor Marcos Nunes”, no município de Santa Maria do Pará-PA, é de caráter bibliográfico, levando-se em conta a descrição dos diferentes aspectos com que se vivenciou a “Reflexões sobre o equilíbrio na relação Família e Escola”, mais especificamente no processo ensino-aprendizagem das crianças, onde se realizou em revistas, textos, artigos, livros entre outros, o que permitiu traçar o referencial teórico relacionado ao tema. Gil (2008, p. 124) afirma, que esse tipo de pesquisa “é quando elaborada a partir de material já publicado, constituído principalmente de livros, artigos de periódicos e atualmente com material disponibilizado na Internet”. Nesse sentido, a pesquisa bibliográfica abrangeu também as publicações avulsas, boletins, jornais, revistas, pesquisa, monografias, teses, material cartográfico, até meios de comunicação.

4.2.3. Quanto à Coleta de Dados

Se fez o contato com 10 (dez) sujeitos, sendo: 3 (três) pais, e 7 (sete) mães, para esclarecer do que se trata o trabalho, com o objetivo de analisar as relações estabelecidas com a escola. Praticou-se a entrevista diretamente com os sujeitos que compareceram a escola na hora marcada.

Os dados foram coletados a partir da técnica de entrevista semiestruturada, que direcionou perguntas abertas e fechadas, e os entrevistados tiveram a possibilidade de discorrer sobre o tema proposto. Para isso, Lakatos (2007) fala da preparação da entrevista, que é uma das etapas mais importantes da pesquisa, requer tempo e exige cuidados, como: o planejamento da entrevista, que deve ter em vista o objetivo a alcançar; escolha do entrevistado, que deve ter familiaridade com o tema pesquisado; a oportunidade da entrevista, ou seja, a disponibilidade do entrevistado em fornecer a mesma, que deverá ser marcada com antecedência para que o pesquisador se assegure de que será recebido; as condições favoráveis que possa garantir ao entrevistado o segredo de suas confidências e de sua identidade e, por fim, a preparação específica que consiste em organizar o roteiro ou formulário com as questões importantes. Por outro lado, Gil (2008, p.113) enfatiza que “A entrevista é bastante adequada para a obtenção de informações acerca do que as pessoas sabem, pensam, esperam, sentem ou desejam, pretendem

fazer, fazem ou fizeram, bem como acerca das suas explicações ou razões a respeito das coisas precedentes”.

Dessa feita, em relação especificamente às entrevistas, vale dizer que elas foram realizadas conforme data marcada com cada informante. Antes de iniciá-las informamos aos entrevistados como se daria para que ficasse esclarecida cada questão. Desse modo, as entrevistas com os pais, professores, a gestora e a técnica da escola, foi realizada no próprio ambiente institucional.

4.2.4. Quanto à forma de tratamento dos dados

Para o tratamento dos dados qualitativos da pesquisa, conforme Lüdke (2004), foi considerado evidências múltiplas obtidas durante a pesquisa, ou seja, os relatos, as transcrições de respostas e demais informações disponíveis e analisadas, levando-se em conta os objetivos do trabalho. Para Lüdke e André (2003), na pesquisa qualitativa, o processo, as perspectivas dos sujeitos observados são mais importante do que o produto. Bogdan & Biklen (2010, p. 205) destacam:

[...] a análise de dados é o processo de busca e de organização sistemática de transcrições de entrevistas, de notas de campo e de outros materiais que foram sendo acumulados com o objetivo de aumentar a sua própria compreensão desses mesmos materiais e de lhe permitir apresentar aos outros aquilo que encontrou.

A etapa de análise dos dados, foi a parte das descobertas, do relato das informações fornecidas pelos pais que constam apenas na memória desses entrevistados. Todavia, essas informações são relevantes e nos interessam por vermos que sobre a ausência dos pais na escola, muito já se discutiu ao longo do tempo, mas pouco se mudou no contexto da EEEFM “Professor Marcos Nunes”.

5. ANÁLISE, DISCUSSÃO E RESULTADO DOS ESTUDOS

5.1. ANÁLISE DA FALA DOS PAIS

Para realizar esta análise, utilizamos o texto “Família e Escola: trajetórias de escolarização em camadas médias e populares”, de Nogueira, Maria Alice; Romanelli, Geraldo; Zago, Nair (orgs.), (2011), por ser um texto que nos permite, entre outros aspectos, compreender como os vários segmentos sociais, como, por exemplo, as elites e as classes médias, tratam de modo diferenciado a questão da escolaridade de seus filhos. Além do fato de que, a maior parte desses estudos abrangem trajetórias escolares, o que denota uma atenção sobre os sujeitos ou grupos, possibilitando o rompimento com formas de análises e pesquisas que priorizavam apenas as estatísticas:

Trata-se de um conjunto de pesquisas empíricas recentes, realizadas a partir dos anos 1980, que têm por objetivo geral investigar a crescente e estreita conexão nas sociedades contemporâneas, de duas perspectivas: vida familiar e vida escolar. Na origem desse movimento, de interdependência e de influências recíprocas entre família e escola, estariam as transformações porque passam, a um só tempo, as estruturas e os modos de vida familiar, por um lado, e as instituições e processos escolares por outro. Mas o aparecimento de novos estudos deveu-se igualmente a uma dinâmica interna ao pensamento científico, mais precisamente a uma reorientação da conjuntura teórica que veio deslocar o olhar sociológico das macroestruturas para as pequenas unidades de análise (ROMANELLI, NOGUEIRA e ZAGO, 2011, p.23)

É fato que alguns desses estudos também chamam a atenção para as estratégias de certas famílias na escolha por uma instituição escolar. Sugerem, portanto, que esse tipo de comportamento, já de antemão, determina a relevância da família na escolaridade de sua prole. Mostram que uma participação maior ou menor dos pais na escolaridade dos filhos acaba por influir em seu comportamento escolar.

Desta pesquisa, participaram como sujeitos 3 (três) pais, 7 (sete) mães, identificados pelos números de 1 a 10.

A pesquisa consta destas perguntas:

1. Como você avalia a sua frequência na escola

(....) Boa (...) Ruim (...) Regular

2. Em sua opinião, como se dá a relação entre escola e família.

(....) Boa (...) Regular (...) Ruim

3. Como você participa na educação formal de seus filhos.

(....) Constante (....) Uma vez ou outra (....) Sem compromisso

4. O que você acha que a escola espera de você? E você o que espera dela?
5. De seu conhecimento, quais os projetos sobre a participação dos pais desenvolvidos na escola?
6. Quais são seus deveres de responsável pelo filho?
7. Como é a sua relação com os professores, gestores e outros na escola?
8. Qual a importância da presença familiar na vida escolar das crianças?
9. De seu conhecimento e vivência o que ocorre quando os pais não frequentam e acompanham a educação regularmente dos filhos?
10. Na sua opinião, o que a escola poderia fazer para melhorar essa relação entre ela e os pais?

Em relação a Mãe 1, esta possui 43 (quarenta e três) anos de idade, vale informar que esta possui Curso Superior incompleto. Esta mãe é Conselheira Tutelar. Ao ser perguntada “como avalia a sua frequência na escola?”, disse que é “boa”. E ainda, na opinião dela, como se dá o diálogo entre escola e família, ela não hesitou em dizer que é “regular”.

Destaca-se que a participação da família no ambiente escolar, é fundamental no processo ensino-aprendizagem. Família e escola são os principais suportes com que a criança pode contar para enfrentar desafios, visto que, integradas e atentas podem detectar dificuldades de aprendizagem que ela possa apresentar, podendo contribuir de maneira eficiente em benefício da mesma. Segundo Zago (2011) “(...) a ausência, no Brasil, de uma sistematização da produção do conhecimento no campo, dificulta a avaliação da importância que a área temática 'família e escola' vem ocupando em nossa produção contemporânea” (NOGUEIRA; ROMANELLI; ZAGO, 2011, p. 10)

O importante é a presença deles, e quando os pais participam, os filhos se sentem valorizados. Os pais precisam entender que eles devem dar o exemplo. Sua falta sendo entendida na mesma medida de importância que dá ao estudo do filho. Muitas vezes os pais reclamam que seus filhos não assumem os compromissos e nem percebem que eles fazem o mesmo e que seus filhos só estão repetindo o que presenciam.

Nesse caso foi perguntado, como a Mãe 1, participa na educação formal de seus filhos, ela respondeu “constante”.

Percebe-se na colocação que essa constância se expressa quando a autora refere-se as diversas pesquisas que têm apontado que a família é um componente importante na trajetória escolar das crianças e dos adolescentes. Para Zago (2011):

A família, por intermédio de suas ações materiais e simbólicas, tem um papel importante na vida escolar dos filhos, e este não pode ser desconsiderado. Trata-se de uma influência que resulta de ações muitas vezes sutis, nem sempre conscientes e intencionalmente dirigidas (2008, p.20)

De acordo com as questões acima, relaciono a partir daqui as mães e ou pais que responderam igualmente a mãe 1.

Destaco que também a genitora possui 36 anos de idade, e trabalha como servidora municipal. Tem formação no nível médio completo.

A mãe 7, tem 39 anos de idade, tem como ocupação lavradora, e estudou o ensino médio completo.

Também o genitor 8, tem 57 anos de idade, é professor aposentado. Tem formação em nível superior.

Outra responsável por um discente, titulada na pesquisa por mãe 9, determinou suas três respostas, tal qual a primeira mãe relatou ter 43 anos de idade. Tem como ocupação, conselheira tutelar. e sua escolaridade é curso superior incompleto.

O último pai informante das mesmas respostas dadas pela mãe 1, é o pai designado com o número 10 nesta pesquisa, tem 44 anos de idade. Hoje está desempregado.

Diante das respostas, é pertinente destacar que, se percebermos no discurso dos pais e das mães que é necessário que eles estejam bem informados e escutar o professor (a), com toda sua experiência em sala de aula, com alunos que têm a mesma idade de seus filhos, traz informações que podem ser útil para a família, pois ambos podem trabalhar juntos as dificuldades e o melhoramento do filho/aluno.

As respostas dadas expressam uma certa unanimidade nas questões, assim, entende-se que elas tem conhecimento sobre as atividades que se realizam na escola, e estes responsáveis por alunos tem conhecimento da realidade escolar.

Dessa forma, pode-se dizer que a escola como promotora dessa participação, precisa antes de tudo, conhecer um pouco das famílias, observar seus comportamentos e atitudes, e, através da compreensão e do respeito, procurar estratégias adequadas às necessidades da família, sem discriminá-las com critérios sociais de classe, ou como nos alerta Zago (2011):

Nas camadas populares, a relação com a escola é heterogêneas com frequência contraditória, ou seja, apesar do discurso marcadamente pró-escola, não assimilam subjetivamente, como uma disposição real para os estudos, adotando comportamentos que podem ser caracterizados de contra cultura escolar (ZAGO, 2011. p.30)

De acordo com a definição da autora acima, a família na relação com a escola participa da construção do sucesso escolar de diferentes maneiras. Suas ações podem contribuir ou não

para a permanência duradoura do filho na escola. Alguns pais apresentam uma postura contrária à escola, não estimulando o estudo dos seus filhos. Outros, entretanto, criam a expectativa de satisfazerem seus desejos educacionais não alcançados e de superar a condição social em que vivem, para isso, transmitem conselhos, valores e costumes familiares em relação aos estudos, que nem sempre são apreendidos pelos filhos que em alguns casos, acabam apresentando comportamento de resistência à escola.

Indagando a Mae 1 sobre: “o que você acha que a escola espera de você? E você o que espera dela?” Ela respondeu “Mais participação e acompanhamento. Espera que ela tenha profissionais qualificados para que o aluno tenha um ensino de qualidade”.

Para esta questão, obtivemos quatro respostas semelhantes, sendo das mães denominadas 6, 7, 8 e 9 que expressam o mesmo sentido à resposta.

Apenas a o pai codificado como 10 assim responde “Uma educação com mais responsabilidade no acompanhamento no ensino de meu filho. Espero dela, mais professoras qualificadas, que tenha um ambiente que favoreça a aprendizagem”.

De acordo com o exposto, percebe-se na resposta uma certa cobrança da responsável para com a escola, mas sabe-se que a família, por mais que tenha inúmeras responsabilidades educacionais sobre a criança, necessita de auxílio para acompanhar esse ensino com qualidade. Diante disso, é preciso que esse processo seja desenvolvido por ambas as partes com responsabilidade, pois só assim as duas instituições complementam-se e não dissociam-se no trabalho.

Para se entender bem essa questão, reporta-se a Zago (2011), que onde reforça a importância de se estudar a relação família escola, ao afirmar que a família se constitui no sujeito central da pesquisa em educação, visto que a compreensão da escola e as análises sobre ela não podem ser pautadas apenas na questão das classes sociais. Ou seja, a análise das relações família, jovens e escola não pode ser reduzida ou deduzida a partir unicamente de sua condição de classe. Decorre daí, segundo a autora, a necessidade de se conhecer o universo sociocultural, as dinâmicas internas e os modos de interação que as famílias estabelecem com a sociedade e o mundo escolar embora, como afirma, a família assim como a escola, não pode ser considerada de forma abstrata, dissociada das condições históricas e socioculturais em que se insere.

Perguntamos a mãe 1: se, de seu conhecimento, “quais os projetos sobre a participação dos pais desenvolvidos na escola?”, ele responde que “Projeto familiar, PROEMI, e outros que não tenho conhecimento”.

Considerando a pergunta acima, cinco responsáveis enumeraram os projetos acima e outros como: o plantão pedagógico, a consciência negra, projeto família e meio ambiente.

Apenas o responsável denominado 7, declara não ter conhecimento. E outros cinco citam que é preciso informar os pais sobre esses projetos que são desenvolvidos na escola.

Então, 50% conhecem e 50% demonstram desconhecimento dos projetos.

Nisso, entende-se que estes responsáveis até conhecem a realidade da escola, mas que talvez desconheçam os demais projetos, pois do conhecimento da entrevistada acima seja pelo não envolvimento total na escola, ela citou alguns, que são direcionados.

Isso demonstra que o envolvimento da família na escolarização dos filhos é ímpar, pois o comprometimento influencia a frequência escolar e outros aspectos, Assim, acredita-se que o envolvimento da família resulta positivamente e muitos outros aspectos, além da própria escolarização e, conseqüentemente, do conhecimento do funcionamento escolar. Além disso, esse envolvimento pode ser percebido pelo uso de estratégias escolares em prol da escolarização dos filhos. Assim sendo, a escolarização da família, o conhecimento do funcionamento da escola e uso de estratégias escolares são fatores interdependentes que a família precisa saber para acompanhar. Cabe a escola também estar conectada às famílias.

Considerando a pergunta: “quais são seus deveres de responsável pelo filho?”, a mãe 1 pronuncia que é “de educá-lo, ajudando nas atividades orientando no bom comportamento, no relacionamento com todas as pessoas que fazem parte da comunidade escolar”. A responsável destacada pelo número 6, refere-se assim “Assiduidade do aluno, compromisso financeiro auxiliar nas atividades escolares, comparecer nas reuniões de pais e mestres, participação na elaboração e reformulação do PPP enquanto comunidade”.

Os pais identificados por 7, 8, 9, e 10 declararam suas respostas com o mesmo entendimento.

Pode-se entender isso na colocação de Zago (2011) onde ela cita que as trajetórias apresentadas mostram situações heterogêneas. A mobilização familiar em torno da vida escolar dos filhos e ... filhas, as práticas de socialização e transmissão de valores, o contorno da trajetória social e escolar, podem tornar-se fatores escolarmente rentáveis (ZAGO, 2011, p. 35)

Ao ser solicitado a destacar como é a sua relação com os professores, gestores e outros na escola, a mãe 1, 7 e 9 esclareceram que “tem um bom relacionamento e diálogo com todos na escola”.

Nesse contexto vimos muitos de nossos alunos, que por a família não possuir laços de afinidade com a escola e os segmentos escolares, o aluno geralmente vive um desafio, uma relação de distância da escola, do descompromisso e da perda por ascensão educacional e social.

Colocamos um argumento sobre, “qual a importância da presença familiar na vida escolar das crianças?”. O pai destacado por 8 relata “participação da família é primordial,

porque o diálogo e a parceria entre família e a escola, faz com que o aluno tenha uma aprendizagem significativa, não só nas datas comemorativas, mas no dia a dia”.

Outros pais destacados como 8 e 10 assim referem-se “É importante, pois com o incentivo dos pais, o aluno desenvolve melhor sua aprendizagem”.

Coloca-se que a presença da família na escola é muito importante para o desenvolvimento escolar da criança, acredita-se que o próprio contato das famílias com a escola é fundamental, entretanto, o que observa-se no dia a dia, é que o tempo é o grande obstáculo à participação dos pais, pois eles relatam que trabalham e que nem sempre tem tempo para ir à escola.

Nesse caso, muitos deles não têm clareza que o processo educativo começa ali mesmo, no seio da família, a partir do momento em que a criança nasce, e vai se encaminhando a vida da criança. Afinal de contas, a família é o primeiro ambiente de formação de valores, ideias e comportamento. Os pais convivem com as crianças e muitas vezes não se dão conta de que suas atitudes poderão influenciar positivamente ou negativamente na formação de seu filho.

Muitas famílias trabalhadoras não têm condições de acompanhar o processo de aprendizagem dos filhos. Portanto, está o papel da escola em abrir as portas, apontando outras saídas para as famílias participarem, de alguma maneira, no processo educativo dos filhos. O que não se pode é conceber essa desarticulação, uma vez que a família, como instituição, tem o papel de produção e reprodução social, no contexto econômico, cultural, social em que se insere, transmitindo herança cultural de geração a geração.

E ainda o capital cultural transmitido pela mãe constitui elemento significativo no processo de reprodução social da família que tem na escolarização dos seus filhos, um recurso importante para promover relativa mobilidade social deles e, indiretamente, da própria unidade doméstica (ZAGO, 2011, p. 120)

Partindo da definição do autor, na relação mãe e filhos, essa transmissão se dá de forma mais efetiva, através do diálogo e não da imposição.

Questionei se é de seu conhecimento e vivência, “o que ocorre quando os pais não frequentam e acompanham regularmente a educação dos filhos?”, a mãe 1 colocou que “Na maioria dos casos o aluno encontra dificuldade no processo ensino aprendizagem”, e outros pais com esse mesmo entendimento também defendem “Há mais dificuldade na aprendizagem, os alunos são prejudicados no processo de ensino aprendizagem”.

Entretanto, segundo Zago (2011), o significado que a família atribui à escola é construído a partir das condições socioculturais em que se insere. Assim, ao falar sobre a importância da escolarização dos filhos para os pais diz:

Uma análise do significado que eles (pais) atribuem à escolarização de seus filhos, revela que a valorização da instrução se alicerça ao menos sobre dois pilares: o que corresponde a uma lógica prática ou instrumental da escola (domínio dos saberes fundamentais e integração ao mercado de trabalho) e outro, voltado para a escola como espaço de socialização e proteção dos filhos do contato com a rua, do mundo da droga, das más companhias, indicando a inseparabilidade entre instrução e socialização (ZAGO, 2011, p. 24)

Se perguntou: “na sua opinião o que a escola poderia fazer para melhorar essa relação entre ela e os pais?”, a mãe 1 disse “ter um melhor aproximação e incentivo através dos projetos para melhorar a participação dos pais na escola”.

Observa-se que esta mãe em suas respostas sempre expressa certa cobrança da escola, e esquece que é preciso também ela fazer a sua parte. Diante deste fato, compreende-se na verbalização da mãe que é preciso a escola reinsistir em um trabalho diferenciado do que vem desenvolvendo, que envolva mais a família nas situações práticas na escola. Caso contrário, o trabalho na escola não ocorre de forma satisfatória.

Percebe-se que os pais, atualmente, enfrentam os desafios do mundo moderno, mas não deixam de se preocupar com o futuro dos filhos, procurando orientá-los e conscientizá-los da necessidade de ter o conhecimento para sobreviver no meio social, onde a luta por uma profissão digna e por uma boa qualidade de vida está cada vez mais difícil, pois bebemos na fonte de um sistema capitalista.

Destaca-se aqui a Mãe 2 entrevistada, que possui 37 anos de idade, tem como ocupação, ser servidora municipal. Possui a escolaridade com o 3º ano do nível médio.

Ao ser interrogada sobre “como avalia a sua frequência na escola?”, e argumentei, na sua opinião, como se dá o diálogo entre escola e família; ele diz que considera “Boa”. Ainda indaguei “como você participa na educação formal de seus filhos?”, ele respondeu que é de forma “constante”.

Diante da perspectiva posta durante a entrevista, perguntei, “o que você acha que a escola espera de você? E você o que espera dela?”. Para estes questionamentos, a mãe nos diz, “a escola espera um compromisso de participação dos filhos. E a Mãe espera uma educação de qualidade com professoras qualificadas”.

A colocação nos leva a entender que há um certo compromisso no que diz. Todavia, mesmo com tantas dificuldades, acredita-se que a família tem a responsabilidade de educar os filhos desde casa para os desafios da vida, de ensinar valores éticos e morais através do diálogo aberto e franco.

Desta forma, o diálogo é o principal instrumento para se conseguir fazer com que o educando aprenda. Assim, através da troca de experiências e conhecimentos, pais e filhos

podem construir juntos uma educação repleta de valores necessários a vivência no mundo contemporâneo.

Sobre as questões referentes a projetos na escola, se perguntou: “é de seu conhecimento, quais os projetos desenvolvidos na escola sobre a participação dos pais?”. Esta mãe responde que “conhece um projeto que ajuda os alunos com dificuldades em português e matemática”. Acredita-se que a mãe conheça a realidade da escola, pois não denominou o projeto, mas afirmou que tem e conhece.

Em prosseguimento a entrevista, “quais são seus deveres de responsável pelo filho?”, o pai responde que é “Acompanhar a frequência de seus filhos na escola, o comportamento, os trabalhos desenvolvidos”.

Em consonância com essa colocação, destaca-se que a participação dos pais na educação dos filhos deve ser constante e consciente, pois um bom relacionamento feito pela família na escola, as duas instancias vão conviver bem.

Interroguei sobre como é a sua relação com os professores, gestores e outros na escola, ela me disse: “tem um bom relacionamento com professores e gestores”.

Continuando as interrogações, lhe perguntei “qual a importância da presença familiar na vida escolar das crianças?”. Ela pronunciou que: “é de suma importância no desenvolvimento da aprendizagem dos filhos (educandos)”.

Sabe-se que um aspecto que atualmente tem sido alvo de muitas controvérsias, principalmente entre pais e educadores é o auxílio às tarefas que a escola envia, isso a mãe não abordou. Deste modo, a lição de casa não deve servir como um problema no ambiente familiar, mas com o objetivo de fazer com que o aluno possa pensar, resolver, refletir, colher dados, pesquisar, a fim de reforçar o que foi ensinado em sala de aula.

Portanto, é possível constatar a necessidade de haver uma reflexão por parte da escola em implantar a tarefa de casa, não como algo já enraizado nos estabelecimentos escolares e a serviço apenas do reforço do que foi dado em sala de aula, desprovida de significados, mas de tornar importante para a educação das crianças.

Ao tratarmos da importância da família no contexto escolar, argumentei com a mãe, se em relação ao conhecimento e vivência dele, “o que ocorre quando os pais não frequentam e acompanham a educação regularmente dos filhos?”. Ela falou que “normalmente, não colaborando com o acompanhamento e a participação, não acontece aprendizagem, e sim evasão”.

Observando o depoimento dessa mãe, pode-se perceber que a ausência dos pais no acompanhamento é um prejuízo marcante na vida dos alunos. Para terminar a entrevista com

esta mãe, como última questão lhe perguntei, em sua opinião “o que a escola poderia fazer para melhorar essa relação entre ela e os pais?”. A mãe 2 colocou, “precisa de mais acolhimento tanto com os alunos, como com os pais, pois quando não existe há interrupções, fracasso escolar, etc.”.

Ao falar disso, os autores referem-se na pesquisa realizada sobre as trajetórias escolares dos membros das famílias investigadas, onde já foram em algum momento interrompidas ou perturbadas por situações de repetência e/ou exclusão do processo educativo. Estes acontecimentos já são amplamente difundidos na literatura sobre trajetórias escolares e estratégias educativas familiares sob a denominação de “fracasso escolar” (NOGUEIRA, ROMANELLI, ZAGO, 2011)

Neste sentido, esta literatura aponta para a uma tendência ao fracasso escolar de indivíduos oriundos de grupos familiares de baixa renda com baixos investimentos na escolaridade de seus membros.

Continua-se com a mãe 3 entrevistada, que possui 37 (trinta e sete) anos de idade, e tem como formação o Superior Incompleto. Possui ocupação de auxiliar educacional.

Em relação ao posicionamento sobre as questões relativas sobre a participação da família na escola; em que se direcionou a pergunta, “como você avalia a sua frequência na escola, e ainda como se dá o diálogo entre escola e família?”. A mãe marcou para as duas alternativas “boa”.

Destaca-se que os autores nos mostram a importância da presença da família na escola, as crianças que pais participam têm um desenvolvimento melhor do que aqueles no qual os pais pouco frequentam.

Ao refletir essa questão, reporta-se a investigação a um grupo de 16 adolescentes da periferia urbana de Florianópolis, realizada por Zago (2003, p.27-28) onde a autora percebeu alguns dos dilemas vividos pelos adolescentes pobres das periferias, e passa a relatar:

Com frequência, a pouca escolarização os deixa sem opções, obrigando-os a aceitar os baixos salários e a permanência em ocupações que muitas vezes rejeitam, as quais se submetem por falta de alternativa melhor. O desemprego, a rotatividade e a diversidade de ocupações exercidas são situações conhecidas da maioria dos entrevistados. Muitos deles não tiveram senão serviços temporários, em forma de “biscates”. Sem formação adequada para as exigências do mercado de trabalho (não raro o ensino médio e novas qualificações como informática), não resta outra alternativa senão “pegar o que aparece”, para parafrasear uma expressão comum do grupo entrevistado. Quando tentam inserir-se na vida ativa, o fazem em ocupações bastante variadas como as de office-boy, servente de pedreiro, auxiliar de mecânico, balconista, babá, empregada doméstica, entre outras (ZAGO, 2003, p.27-28)

Em relação a pergunta: “como você participa na educação formal de seus filhos?” Ela destacou a proposição “constante”.

Nessa perspectiva, entende-se na fala desta mãe, que parece compreender a dinâmica da escola ao articular a rotina da escola.

Ao ser solicitada a responder, “o que acha que a escola espera de você?”. E você o que espera dela?”. As mães 3 e 8 atribuem a “uma participação melhor, pois não é porque são de classes populares, que a escola tenha que oferecer uma educação com menos qualidade. Se quer uma educação com diálogo e qualificação para nossos filhos”.

Em outras palavras, visualizamos uma maneira de “avançar na compreensão” das trajetórias escolares nos contextos sociais, ou seja, para as “camadas populares”, nos quais os indicadores socioeconômicos são desfavoráveis à permanência na escola (ZAGO, 2011)

Considerando esse posicionamento, o assunto nos chama atenção por entender que se a mãe está vendo a necessidade de mais participação e diálogo, entende-se, portanto, que a educação como prática humana, que modifica os seres humanos nos seus diferentes estados que configuram à nossa existência humana individual e grupal precisa ser realmente trabalhada, retomada com o seu verdadeiro valor.

Percebemos a vontade e sonho da mãe de galgar um espaço educacional com um tipo de educação onde o diálogo esteja presente, com mais participação e conversa. Indaguei, de seu conhecimento sobre quais os projetos sobre a participação dos pais são desenvolvidos na escola. A resposta foi “não tem Projetos, a participação se dá através das datas comemorativas e na entrega das avaliações”.

Para o questionamento de “quais são seus deveres de responsável pelo filho?”, a resposta foi de “um acompanhamento constante no ensino no desenvolvimento e aprendizagem dos filhos”.

Em relação ao ensino, os pais esperam que os filhos tenham prazer em aprender, a curiosidade aguçada, uma formação ampla em todas as áreas do conhecimento, inclusive nas artes e nos esportes, mas que, sobretudo, desenvolvam o pensamento crítico. Portanto, são pais que atribuem à cultura e ao conhecimento uma importância própria e não os veem como algo utilitário, o que também coincide com outras pesquisas realizadas com a camada social média, com alto capital cultural (ZAGO, 2011)

Diante das questões, se pergunta “como é a sua relação com os professores, gestores e outros na escola?”. Para isso, o pai nos disse que é “tenho um bom relacionamento com todos”.

Destaca-se que essa boa relação depende da postura dos pais para com a escola.

Nessa perspectiva se indagou: “qual a importância da presença familiar na vida escolar das crianças?” E assim pronunciado “É importante a presença da família na escola, porque é um meio de colaborar e promover o futuro de nossos filhos”.

Acredita-se que muitos são os aspectos que se destacam em relação a presença familiar, e dentre eles pode-se enumerar; por exemplo, a demonstração de interesse pela vida escolar dos filhos, pois estes ao perceber que pais e família se interessam por seus estudos e por suas experiências escolares sentem-se com alguém por perto, valorizados, desenvolvem-se de forma segura e com boa autoestima. Também quando o aluno traz consigo para a escola experiências positivas adquiridas no convívio familiar que determinam valores, responsabilidade e uma determinada visão sobre si mesma.

Destaca-se também como importância da presença familiar, que ao fazer o acompanhamento, percebe o crescimento educacional dos filhos, aumenta suas habilidades sociais e diminui a chance de problemas comportamentais. Então, se vê na prática que quanto maior o envolvimento dos pais nas experiências escolares das crianças, mais facilidade de fazer amigos elas terão, de respeitá-los, de serem pessoas mais humanas. Diante disso, quanto mais os pais participam e conversam sobre a escola, visitam o local, se envolvem com as lições e os trabalhos e incentivam o progresso educacional dos filhos em casa, melhores serão suas habilidades sociais, pessoais e de serem bons cidadãos.

A partir dessa perspectiva foi perguntado, de seu conhecimento e vivência, “o que ocorre quando os pais não frequentam e acompanham a educação regularmente dos filhos?”. Em resposta o pai assim atribui “Sem essa participação família e escola não há um bom desenvolvimento para os alunos”.

Essa expressão nos chama atenção, porque com certeza é a experiência demonstrada na verbalização. Então, a participação ou não da vida familiar na escola dos filhos, leva-os dentre outras coisas, a se perderem no processo e não conseguirem ter bons êxitos na sua educação. Há muitos pais que não comparecem às reuniões de Pais e Mestres, pois se sentem deslocados, achando-as chatas, cansativas e demoradas, gerando desinteresse na maioria. Por outro lado, de acordo com o Regimento Escolar, a reunião, além de ser uma função dos pais, é também um direito em prol da gestão democrática da escola; mas os pais questionam a forma como vem sendo realizadas estas reuniões.

Para encerrar se indagou, na sua opinião, “o que a escola poderia fazer para melhorar essa relação entre ela e os pais?”. A mãe 3 diz que “desenvolver projetos que incentive a participação da família na escola”.

Percebe-se nas falas esse apelo por diálogo na escola, então se acredita que o processo educacional na escola deva investir em uma relação dialógica, onde as partes se compreendam e se ajudem para galgar o objetivo a que se propõe que é a educação dos filhos.

Para Zago (2011) há diversas práticas de investimentos escolares realizadas pelas famílias que contribuem para o bom desempenho escolar, entre elas: acompanhamento minucioso da escolaridade dos filhos, escolhas ativa do estabelecimento de ensino, contatos frequentes com os professores, ajuda regular nos deveres de casa, reforço e maximização das aprendizagens escolares, assiduidade as reuniões convocadas pela escola dos filhos, utilização do tempo extraescolar com atividades favorecedoras de sucesso escolar, entre outras. Nesse caso, a família e a escola se somam visando o bom aproveitamento escolar.

Iniciamos a quarta entrevista com uma Mãe 4, onde a mesma possui 53 (cinquenta e três) anos de idade, e tem a formação com curso superior. Tem como ocupação, a coordenação pedagógica em uma escola.

Iniciamos a entrevista indagando “como você avalia a sua frequência na escola?”. Ela respondeu que é “boa”. Em seguida se indagou, na sua opinião, como se dá o diálogo entre escola e família, ela atribuiu como “regular”. Numa resposta dessa forma percebe-se que a família tem um certo grau de distância.

Em relação à participação, se perguntou, “como você participa na educação formal de seus filhos?”, a Mãe 4 relatou que é de forma “constante”.

A mãe aqui entrevistada, nos passa em sua resposta que tem mais afinidade com a escola, conhece sua realidade e por isso deve ter um bom diálogo com todos na instituição. A partir do citado, pode-se dizer que o diálogo não reduz um ao outro na relação, nem se torna um favor que um faz ao outro, ao contrário, implica respeito fundamental dos sujeitos neles engajados.

Zago (2011) ainda coloca que não se pode atribuir somente à família o comportamento do aluno perante a importância da educação, no trato com os professores e colegas de classe, pois o sujeito é afetado por várias relações em seu cotidiano, o que interfere no processo de amadurecimento e a forma de lidar com as mais diversas situações:

Observamos que os comportamentos escolares adotados pelos alunos não se reduzem às influências do ambiente doméstico. Acompanhando seus desdobramentos, fica evidente a necessidade de se considerar o papel do aluno como parte ativa do seu próprio percurso e das relações que ele estabelece com outras instâncias de socialização, seja no bairro, no ambiente de trabalho, entre outras formas de interações sociais. Nesse sentido, as experiências extra-escolares e a própria faixa etária em que ele se encontra são dimensões que não podem ser negligenciadas (ZAGO, 2011, p. 21)

Em relação a escola, se perguntou, o que você acha que a escola espera de você, e você o que espera dela. A mãe nos falou “A escola espera dos pais que eles sejam mais participativos no acompanhamento e aprendizagem de seus filhos. Espera da escola, mais informação dos projetos, mais dedicação dos professores e gestores com os alunos”.

Ao que se vê, a mãe respondeu apenas em relação a escola, e a ela como responsável não atribuiu resposta.

A essa colocação entende-se que a família é e pode fazer muito pelo aluno, e somente com essa afinidade, compreensão, determinação e compartilhamento das ideias a educação serve para o crescimento humano das pessoas.

Diante do que foi exposto acima, prosseguiu-se perguntando, de seu conhecimento, quais os projetos sobre a participação dos pais desenvolvidos na escola. A senhora mãe nos respondeu denominando o mesmo projeto denominado “Projetos, mais educação e outros que precisam ser informados”.

Continuando a entrevista lhe perguntei, quais são seus deveres de responsável pelo seu filho, ela então colocou que é “A frequência do aluno na escola, a participação, acompanhamento das atividades”. Percebe-se na fala da mãe o compromisso com a educação dos filhos.

Embora se possa colocar que na entrevista realizada por Zago (2011), a maioria dos professores que responderam ao questionário, tenham colocado o descomprometimento familiar como um fator considerável para a falta de interesse dos alunos e conseqüentemente a falta de sucesso escolar, não se pode considerar este fato uma regra, haja vista que a autora, em sua pesquisa, concluiu que muitos alunos não absorvem os valores familiares que lhes são passados, principalmente pelas mães em relação à importância da educação para uma melhoria social e econômica. A autora diz que:

As avaliações de alunos e ex-alunos sobre seus insucessos escolares são, tanto no discurso dos pais quanto aos filhos, frequentemente apoiadas nesses comportamentos contrários às normas escolares. [...] Os comportamentos que sinalizam rupturas com o mundo escolar recebem, da parte da família, uma explicação resumida: “falta de interesse”. Assim julgado, o comportamento do filho que se recusa em permanecer na escola não ocorre sem conflito familiar. Em geral, os pais esperam ver através de seus descendentes a superação de sua condição social, e a desescolarização precoce representa a frustração desse desejo. A discrepância, de um lado, entre a moral doméstica - que sobretudo as mães tentam transmitir por meio de conselhos - e, de outro lado, o comportamento de resistência à escolarização, revelam que a transmissão de valores e condutas familiares em relação aos estudos não é necessariamente apreendida pelos filhos com igual significado (ZAGO, 2011, p.33)

Perguntei as mães números 1, 2, 3, e 4, “como é a sua relação com os professores, gestores e outros na escola?”, elas citaram que “Se relacionam bem com todos”. Esta

verbalização nos ajuda a entender melhor que sua relação com todos na escola é muito saudável, o que para seu filho é muito significativo, pois ao acompanhá-lo em sua educação, o mesmo percebe que não está só, mas que tem alguém que lhe dá atenção, ajuda, mas que cobra o que é certo.

Para indagar a genitora, sobre “qual a importância da presença familiar na vida escolar das crianças?”. Ela descreveu que “É de fundamental importância a presença da família escola, para um melhor desenvolvimento do educando”.

Prossegue-se a entrevista, e se pergunta: “de seu conhecimento e vivência, o que ocorre quando os pais não frequentam e acompanham a educação regularmente dos filhos?”. Ela é incisiva ao afirmar que “Sem os pais na escola fica difícil de resolver a trajetória problemática dos alunos, que às vezes chega ao abandono”.

Com relação ao protagonismo dos adolescentes quanto as trajetórias escolares tanto de ingresso ou abandono na escola, Zago (2011, p. 32) nos lembra que:

Longe de sentirem-se vítimas, a posição frequentemente assumida por aqueles que não obtiveram um certificado escolar é a transferir para si mesmos a responsabilidade do fracasso escolar. Muito embora não poupem críticas à escola pública, ao avaliar sua própria situação, consideram-se os principais responsáveis pelo baixo nível escolar, e quanto aos resultados obtidos, os atribuem principalmente às características individuais como incompetência e desinteresse.

Para destacar tal análise, pode-se afirmar que se os pais não se juntarem, conhecerem o mundo em que vivem criticamente e não conseguem estabelecer boas relações dialógicas, tornam a sala de aula um desafio.

Para dar como encerrada a entrevista, lhe indaguei: “na sua opinião, o que a escola poderia fazer para melhorar essa relação entre ela e os pais?”. A genitora nos respondeu que pode “Incentivar a participação dos pais na escola, desenvolver o projeto família na escola”.

Esta é uma resposta e visão condizente para a educação destes tempos, pois com novos projetos, práticas diferenciadas onde o aluno se envolve prazerosamente, e a educação transforma a todos, o ensino e a aprendizagem tende a ser exitosa.

Nesse caso, é importante dizer que, a participação dos pais na educação formal dos filhos deve ser constante e consciente.

Para destacar a entrevista com o 5 Pai, responsável que tem 32 (trinta e dois) anos, trabalha como lavrador, e sua escolaridade é ensino médio completo.

Destaca-se que o pai ao ser perguntado “como avalia a sua frequência na escola?”, disse que é “boa”, e ao mesmo tempo diz que a relação entre escola e família é “boa”. E ainda indagada, como participa na educação formal de seus filhos, diz que é “constante”.

Ao ser perguntado sobre “o que acha que a escola espera dela?”, e o que ele espera da escola?”, foi colocando que “responsabilidade para que os filhos possam desenvolver seu conhecimento, espera que a escola dê boa formação para que o aluno tenha bom conhecimento”.

Fiz uma indagação sobre “quais os projetos sobre a participação dos pais desenvolvidos na escola que são do conhecimento da mãe?”, ela relatou “o plantão pedagógico, o projeto família”.

Prossegui aferindo a questão sobre “quais são seus deveres de responsável pelo filho?”, ela relatou que é com relação “a frequência do aluno na escola, e acompanhar nas atividades”.

Apresentei a questão sobre “como é a sua relação com os professores, gestores e outros na escola?”, ela enumerou “tenho uma boa relação com a instituição, só precisa ser mais acolhidos e esclarecidos os projetos desenvolvidos no espaço escolar”.

Indaguei sobre “qual a importância da presença familiar na vida escolar das crianças?”, ela assim relatou “é muito importante, porque a família e a escola juntas, há mais aprendizagem”.

De acordo com Zago (2011), a relação família e escola abriga uma problemática extremamente ampla, suscetível de ser abordada com base em diferentes campos disciplinares, cabendo assinalar a interdependência entre as condições sociais das famílias e as formas de relação que elas estabelecem com a escola. Muitas vezes, escola e família são complementares e outras vezes, sua relação é marcada por oposições.

Para a colocação sobre se “é de seu conhecimento e vivência, sobre o que ocorre quando os pais não frequentam e acompanham a educação regularmente dos filhos?”, ela pronunciou “Sim, sem a participação dos pais, os alunos tem menos possibilidade de desenvolver sua aprendizagem”.

Encerro com a pergunta sobre “o que a escola poderia fazer para melhorar essa relação entre ela e os pais?”, “fazer os projetos mais conhecidos para um melhor incentivo e participação”.

Nesse sentido a mãe 10 diz “desenvolver melhor os projetos envolvendo os pais, através de um bom acolhimento e incentivo, para que os mesmos possam contribuir com a aprendizagem dos educandos”.

Assim, a partir da análise das representações dos pais, observa-se também que a ideia cultural propagada pela escola, parece coincidir a visão de mundo dos pais. Portanto, no nível das representações e crenças, eles mostraram concordar com a escola, o que talvez seja o substrato que mantém, pelo lado dos pais, a relação de conhecimento e decisão, tal como ela se configura hoje.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

As considerações aqui apresentadas não se configuram no encerramento das reflexões acerca das questões problemas contempladas no objeto de investigação, pelo contrário, oportuniza ampliar possibilidades de dialogar mais em outros momentos de estudo sobre o tema “Reflexões sobre o equilíbrio na relação Família e Escola”, uma vez que ele se apresenta como uma necessidade contemporânea e desejada por todos que fazem parte do contexto escolar.

A pesquisa se deu com pais, mães, e educadores da EEEFF “Marcos Nunes”, no município de Santa Maria do Pará-PA.

Pode-se afirmar que se atingiu o objetivo geral, uma vez que se buscou compreender, segundo o discurso de responsáveis pelos alunos do 5º anos do Ensino Fundamental de uma escola pública de Santa Maria do Pará, os motivos da não participação nas atividades promovidas pela escola.

E também se atingiu aos objetivos específicos na pesquisa, em que se assegura que ao fazer as entrevistas com os sujeitos *‘in loco’*, verificou-se no posicionamento dos mesmos a demonstração de que a participação da família na escola é impreterivelmente o sustento da relação.

Assim, se apresenta as evidências na análise dos dados coletados durante este processo investigativo, o que se constatou, pois, ainda que sejam perceptíveis os avanços no que concerne a essa relação, percebi que existem muitas lacunas a serem trabalhadas no contexto escolar com os pais para que se possa trazê-los para a escola, e não somente em momentos especiais e ou de chamados de rotina.

Dessa forma, destaca-se claramente a riqueza que é ter a família por perto dos alunos, e isso é muito defendido pelos autores aqui pesquisados. Mas percebe-se que participação e ausência sempre vão existir e existe nessa escola, embora alguns pais participem mais que outros. E muitas vezes, a postura de alguns professores frente à essa falta de participação pode ser vista como falta de diálogo, como colocado pelos pais, como se incomodasse ou interferisse no processo.

Outro aspecto diz respeito ao nível socioeconômico e de escolaridade dos pais, pois muitos por sentirem-se menos seguros e até limitados nas ações, acabam afastando-se da escola e ficam sem participar e acompanhar efetivamente atividades, o que atrapalha a boa relação entre a escola e eles e ainda prejudica a aprendizagem das crianças.

Ainda destaca-se também a falta de preparo dos professores para lidar com os pais, acreditando que estes pouco podem ajudar, isso é um engano, pois se criarem alternativas por exemplo de um projeto que integre pais e professores, família e escola .

Portanto, pode-se dizer ao encerrar este trabalho, que o envolvimento da família no processo educacional da criança ajustar e o seu vínculo com a comunidade. Tal envolvimento significa uma maior chance de uma educação de sucesso apoiada nessa relação escola-família, já que não se aprende só na escola. Nesta, aprende-se a aprender, mas para aprender o indivíduo deve ser estimulado por um meio ambiente favorável, sendo que é na família que os alunos adquirem os modelos de comportamentos que exteriorizam na sala de aula.

Nesse caso, pode-se dizer que, em relação a articulação da família com a escola, é de fundamental importância registrar que para a formação do aluno e seu bom desempenho, a família com seu vínculo afetivo e a escola com a sua formação do saber sistematizado, são instituições imprescindíveis ao aluno, pois proporcionam a apropriação de uma proposta educacional que tem o propósito de incluir a família nas questões educacionais dentro do âmbito escolar, visando uma boa estruturação do saber. Todavia, a escola precisa estar inteirada do que acontece com a família, para poder compreender seu aluno e atuar no seu processo de ensino/aprendizagem, e a família deve fazer parte de todo processo de desenvolvimento de seus filhos, afim de que assim haja um enriquecimento mútuo nesse processo de aprendizagem.

Acredita-se que a participação da família na escola mais frequentemente, é uma necessidade contemporânea, almejada por todos que fazem parte de uma escola, independente de ser ensino fundamental ou outra modalidade. No entanto, lidar com famílias hoje, é lidar com a diversidade, com posicionamentos diferentes, com famílias não mais só aquelas do padrão, pai, mãe e filhos, mas tem formada de mãe e filhos, de filhos e pai, de pais e ou mães, de casais gays ou LGBT'S que adotaram crianças órfãs ou não, e nós enquanto educadoras precisamos estar preparadas para lidar com a questão.

Assim, acredita-se na participação dos pais na educação formal dos filhos como uma atividade constante e consciente, onde a vida familiar e escolar se complementam, compartilham experiências, buscam compreender as nuances de cada situação na escola. E essa interação e estreitamento das relações entre a família e a instituição escolar deve ser feitas nas reuniões entre pais e mestres, numa prática de diálogo aberto e respeitoso entre a família e os profissionais que participam da educação do aluno.

Diante disso, entende-se que é possível fazer e estabelecer uma relação amigável, de confiança e respeito entre as partes para então fluir melhor a aprendizagem dos alunos.

Finalmente, nada melhor de que as instituições trabalhem juntas para que o processo de formação educacional do aluno seja significativo e eficaz, pois ao acreditar nessa participação entre família e escola, é procurar seguir exemplos daqueles que com muito trabalho e força de vontade conseguem trazer os pais à escola.

REFERÊNCIAS

ARIÈS, P. **História social da criança e da família**. 2.ed. Tradução de Dora Flaksman. Rio de Janeiro: LTC Editora, 2005.

BOGDAN, Robert; BIKLEN, Sari K. **Investigação qualitativa em educação: uma introdução à teoria e aos métodos**. 1. ed. Porto, Portugal: Editora Porto, 2010.

DESSEN, Maria Auxiliadora; POLONIA, Ana da Costa. **A família e a escola como contextos de desenvolvimento humano**. Paidéia (Ribeirão Preto) [online]. 2007, vol.17, n.36, pp.

GIL, A. C. **Métodos e técnicas de pesquisa social**. 6. ed. São Paulo: Atlas, 2008.

JUNGES, Lisiane Alvim Saraiva, Adriana Wagner. **Os estudos sobre a Relação Família-Escola no Brasil: uma revisão sistemática**. Educação - Revista Quadrimestral - (Porto Alegre), v. 39, n. esp (supl.), s114-s124, dez. 2016.

LÜDKE, M., & André, M. E. D. **Pesquisa em educação: abordagens qualitativas**. São Paulo, SP: EPU. 2004.

LAKATOS, E. M.; MARCONI, M. de A. **Fundamentos de metodologia científica**. 6. ed. 5. reimp. São Paulo: Atlas, 2007.

MINAYO, M. C. S (Org) **Pesquisa Social; Teoria Método e Criatividade**. 29ª Ed. Petrópolis: Vozes, 2010.

NOGUEIRA, Maria Alice; ROMANELLI, Geraldo; ZAGO, Nair (orgs.). **Família e Escola: trajetórias de escolarização em camadas médias e populares**. Petrópolis: Vozes, 2011.

NOGUEIRA, Maria Alice. **A relação família-escola na contemporaneidade: fenômeno social/ interrogações sociológicas**. Análise Social, Lisboa, v.11, n.176, p.563-578, 2005.

_____. **A escolha do estabelecimento de ensino pelas famílias: a ação discreta da riqueza cultural**. Revista Brasileira de Educação, Rio de Janeiro, n.7, p.42-56, jan.-abr. 1998.

_____. **Desafios do trabalho do professor no mundo contemporâneo**. Sinpro, SP, 2007. Disponível em: < http://www.sinprosp.org.br/arquivos/novoa/livreto_novoa.pdf>. Acesso em: 30 de janeiro de 2018.

_____. **O espaço público da educação: imagens, narrativas e dilemas**. In: Espaços de educação, tempos de formação. Lisboa: Fundação Calouste Gilbenkian, 2007. 237 – 263.

_____. **O passado e o presente dos professores**. In: NÓVOA, António. Profissão Professor. Porto. Porto Editora. 1995 (p.13-34).

PAIXÃO, Lea Pinheiro. **Compreendendo a escola na perspectiva das famílias**. In: Educação, diferenças e desigualdades. Cuiabá: EdUFMT, 2006.

POLONIA, Ana da Costa and DESSEN, Maria Auxiliadora. **Em busca de uma compreensão das relações entre família escola**. *Psicol. Esc. Educ (Impr.)* [online]. 2005, vol.9, n.2, pp.

_____. **Em busca de uma compreensão das relações entre família e escola**. In: *Psicologia Escolar e Educacional*, n. 9, v.2, p. 303-312. 2005.

PORTES, Écio Antônio. “O Trabalho escolar das famílias populares”. In: Nogueira, Maria Alice. ROMANELLI, Geraldo e ZAGO, Nadir (orgs). **Família e escola: trajetórias de escolarização em camadas médias e populares**. Petrópolis: Vozes, 2011.

ROMANELLI, O. de Odaísa. **História da educação no Brasil**. 27. ed. Petrópolis: Vozes, 2002.

ROMANELLI, Geraldo. **Questões teóricas e metodológicas nas pesquisas sobre família e escola**. In: ZAGO, Nadir, CARVALHO, Marília P. de & VILELA, Rita A. T (orgs.) *Itinerários de Pesquisa*. Rio de Janeiro: DP&A editora, 2003.

ZAGO, N. “Processos de escolarização nos meios populares- As contradições da obrigatoriedade escolar”, in: NOGUEIRA, M. A.; ROMANELLI, G.; ZAGO, N (orgs.). **Família & Escola-Trajetoórias de Escolarização em camadas médias e populares**. Petrópolis: Vozes, 2000.

_____. Prolongamento da escolarização nos meios populares e as novas formas de desigualdades educacionais. In: PAIXÃO, L. P. e ZAGO, N (Org.) **Sociologia da educação: pesquisa e realidade brasileira**. Petrópolis: Vozes, 2007.

APÊNDICES

ROTEIRO PARA ENTREVISTA – PAIS

Dados de identificação

Escola: _____
Pai/Mãe- Sr (a): _____
Endereço: _____ Bairro: _____
Idade: _____ Ocupação: _____
Escolaridade: _____

Senhor (a):

O presente roteiro faz parte da coleta de dados que subsidiará a pesquisa de campo e complementarará o TCC (Trabalho de Conclusão de Curso), que estamos desenvolvendo. Com este propósito, direcionamos a você, para que possa contribuir, pois será de grande valia constatar e citar a experiência “in loco”, a fim de que as informações façam parte da construção acadêmica.

1. Como você avalia a sua frequência na escola

(...) Boa (...) Ruim (...) Regular

2. Em sua opinião, como se dá a relação entre escola e família.

(...) Boa (...) Regular (...) Ruim

3. Como você participa na educação formal de seus filhos.

(...) Constante (...) Uma vez ou outra (...) Sem compromisso

4. O que você acha que a escola espera de você? E você o que espera dela?

5. De seu conhecimento, quais os projetos sobre a participação dos pais desenvolvidos na escola?

6. Quais são seus deveres de responsável pelo filho?

7. Como é a sua relação com os professores, gestores e outros na escola?

8. Qual a importância da presença familiar na vida escolar das crianças?

9. De seu conhecimento e vivência o que ocorre quando os pais não frequentam e acompanham a educação regularmente dos filhos?

10 - Na sua opinião, o que a escola poderia fazer para melhorar essa relação entre ela e os pais?

APENDICE 1

IMAGEM 01 – Vista Frontal do Prédio



Fonte: Autora (Junho, 2018)

IMAGEM 02 – Vista de lado do Prédio



Fonte: Autora (Junho, 2018)

IMAGEM 03 – Saída para área dos fundos da escola



Fonte: Autora (Junho, 2018)

IMAGEM 04 – Refeitório



Fonte: Autora (Junho, 2018)

IMAGEM 05 – Biblioteca



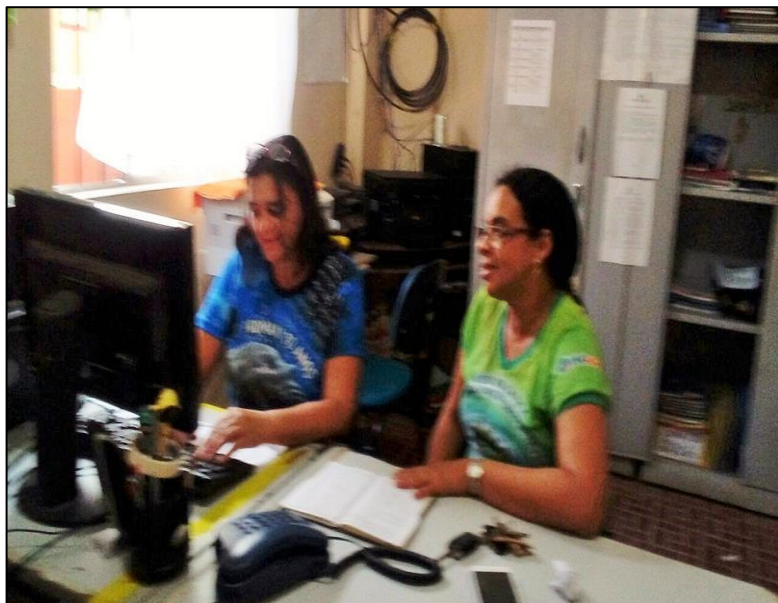
Fonte: Autora (Junho, 2018)

IMAGEM 06 – Sala de aula



Fonte: Autora (Junho, 2018)

IMAGEM 07 – Momento de captação de informes da escola



Fonte: Autora (Junho, 2018)